

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS
ARTES VISUAIS- BACHARELADO

Elida Ketlyn Pereira da Silva

PINTURA COTIDIANA: RETRATOS DE UMA RELAÇÃO FAMILIAR

GOIÂNIA
2023



UFG

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)

Nome(s) completo(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as): **Elida Ketlyn Pereira da Silva**

Título do trabalho: **Pintura Cotidiana: Retratos de uma Relação Familiar**

2. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador) Concordo com a liberação total do documento [X] SIM [] NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Glayson Arcanjo De Sampaio, Professor do Magistério Superior**, em 31/01/2024, às 16:46, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Elida Ketlyn Pereira Da Silva, Discente**, em 31/01/2024, às 18:52, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4340990** e o código CRC **A76A85AE**.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

ELIDA KETLYN PEREIRA DA SILVA

PINTURA COTIDIANA: RETRATO DE UMA RELAÇÃO FAMILIAR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso Artes Visuais Bacharelado, da Faculdade de Artes Visuais, Universidade Federal de Goiás, como requisito parcial para a obtenção de título de Bacharel em Artes Visuais.

Orientador: Glayson Arcanjo de Sampaio

GOIÂNIA
2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Silva, Elida Ketlyn Pereira da
Pintura Cotidiana [manuscrito] : Retratos de uma Relação Familiar /
Elida Ketlyn Pereira da Silva. - 2024.
LXXVII, 77 f.: il.

Orientador: Prof. Glayson Arcanjo de Sampaio.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
Federal de Goiás, Faculdade de Artes Visuais (FAV), Artes Visuais,
Goiânia, 2024.

Bibliografia. Anexos.
Inclui fotografias, lista de figuras.

1. Pintura. 2. estudos de cor. 3. família. 4. cotidiano. I. Sampaio,
Glayson Arcanjo de, orient. II. Título.

CDU 73



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos 22 dias do mês de janeiro do ano de 2024 iniciou-se, às 10h30 no Auditório da FAV/UFG, a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado **Pintura Cotidiana: Retratos de uma Relação Familiar**, de autoria de **Elida Ketlyn Pereira da Silva**, estudante do curso Artes Visuais - Bacharelado, da Faculdade de Artes Visuais (FAV) da Universidade Federal de Goiás (UFG). Os trabalhos foram instalados pelo orientador e presidente da banca, Prof. Dr. Glayson Arcanjo de Sampaio (FAV/UFG), com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Prof. Dr. Paulo Henrique Duarte Feitoza (FAV/UFG) e Prof. Dr. Juan Sebastián Ospina Álvarez (Centro Universitário Estácio de Goiás). Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição da estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a nota (N2) à estudante, com base nos critérios presentes na Ficha de Avaliação do TCC, considerando o TCC **Aprovado com correções mínimas**.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Glayson Arcanjo De Sampaio, Professor do Magistério Superior**, em 29/01/2024, às 17:34, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Paulo Henrique Duarte Feitoza, Professor do Magistério Superior**, em 29/01/2024, às 17:35, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Juan Sebastian Ospina Alvarez, Professor do Magistério Superior**, em 30/01/2024, às 09:33, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4327476** e o código CRC **F7055E05**.

ELIDA KETLYN PEREIRA DA SILVA

PINTURA COTIDIANA: RETRATOS DE UMA HISTÓRIA FAMILIAR

Defendido e aprovado publicamente em 22 de janeiro de 2024, pelos
seguintes membros da banca:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Glayson Arcanjo de Sampaio- Orientador
Universidade Federal de Goiás

Prof. Dr. Paulo Duarte Feitoza- Avaliador
Universidade Federal de Goiás

Prof. Dr. Juan Ospina Álvarez- Avaliador
Centro Universitário Estácio de Goiás

Goiânia- GO

2024

Agradecimentos

Primeiramente agradeço a Deus, por me dar forças para chegar até aqui.

Aos meus pais e familiares, por me apoiarem em tudo o que faço e me ensinarem o poder da persistência.

Ao meu orientador, por me auxiliar em toda esta pesquisa.

Resumo

Este trabalho apresenta uma breve pesquisa, feita ao longo do ano de 2023, que se inicia na relação entre a artista e seus familiares mais próximos (mãe, pai, marido e sobrinha), através de seus cotidianos. Relação esta que, motivada pela pintura, a fez interessar-se pelo processo, cores, intimidade, memória e história.

Palavras-chave: Pintura; estudos de cor; família; cotidiano

Abstract

This work presents a brief research, carried out throughout the year 2023, which begins with the relationship between the artist and her closest family members (mother, father, husband and niece), through their daily lives. A relationship that, motivated by painting, made her interested in process, colors, intimacy, memory and history.

Keywords: painting; color studies; family; daily life.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1-Tradição de mãe, pintura 3, 2023.....	14
Figura 2: Hora do café, pintura 5, 2023.....	15
Figura 3- 21 horas:trabalhar, pintura 2, 2023.....	16
Figura 4- Voltando a ser avô, pintura 4, 2023.....	17
Figura 5- Hora da historinha, pintura 1, 2023.....	18
Figura 6- Família reunida, pintura 6, em andamento.....	19
Figura 7 - 1º esboço pai (grafite), 2023.....	47
Figura 8 - Esboço mãe(nankin), 2023.....	48
Figura 9 - Esboço marido(canetinha), 2023.....	48
Figura 10 - Esboço marido e sobrinha (caneta esferográfica), 2023.....	49
Figura 11 - Esboço pai e mãe (caneta esferográfica), 2023.....	49
Figura 12- Esboço sobrinha (caneta esferográfica), 2023.....	50
Figura 13- Esboço sobrinha 2(caneta esf.), 2023.....	50
Figura 14- Esboço pai e sobrinha(caneta esf.), 2023.....	50
Figura 15- Esboço família (caneta esf.), 2023.....	51
Figura 16- Modelo vivo (marido),2023.....	52
Figura 17- Modelo vivo 2 tronco (marido), 2023.....	52
Figura 18- Modelo vivo 3 (pai), 2023.....	53
Figura 19- Modelo vivo 4(mãe), 2023.....	53
Figura 20- Modelo vivo 5, 2023.....	55
Figura 21- Modelo vivo 6, 2023.....	56
Figura 22- Modelo vivo 7, 2023.....	57
Figura 23- Modelo vivo 8, 2023.....	57
Figura 24- Modelo vivo 9, 2023.....	58
Figura 25- Modelo vivo 10, 2023.....	58
Figura 26- Pintura (série Polvo, Classic Series), óleo sobre tela, 2013...59	
Figura 27- 1º estudo, 2023.....	60
Figura 28- 2º estudo, 2023.....	60
Figura 29- 3º estudo, 2023.....	61
Figura 30- 4º estudo, 2023.....	61
Figura 31- 5º estudo, 2023.....	61

Figura 32- 6º estudo, 2023.....	62
Figura 33- 7º estudo, 2023.....	62
Figura 34- 8º estudo, 2023.....	62
Figura 35- Paleta de cor pintura 1, 2023.....	63
Figura 36- Paleta de cor pintura 2, 2023.....	65
Figura 37- Paleta de cor pintura 3, 2023.....	65
Figura 38-Paleta de cor pintura 4, 2023	66
Figura 39- Paleta de cor da Pintura 5, 2023.....	66
Figura 40- Paleta de cor da pintura 6, em andamento,2023.....	67
Figura 41- Da série “Realidades e a Violência Normalizada, sem título, óleo e grafite sobre papel 36x48cm, 2022.....	68
Figura 42- Da série “Eu sou a Plebe”, Eu sou a Gentalha, óleo sobre tela 40x50cm, 2023.....	68
Figura 43- Da série “Artistas no ateliê”, óleo sobre tela, 2023.....	69
Figura 44-caderno de registros, pág 1, 2023.....	70
Figura 45- caderno de registros, pág 2, 2023.....	71

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1. UM POUCO DE MINHA FAMÍLIA.....	20
1.1- MINHA MÃEZINHA.....	21
1.1.1- ALÉM DO AFETO.....	24
1.1.2- COTIDIANO E TRADIÇÃO.....	26
1.2- PAINHO.....	28
1.2.1- O PROVIDOR/DOCTRINADOR.....	32
1.2.2- COTIDIANO E EVANGELHO.....	34
1.3- AMOR.....	35
1.3.1- COMPANHEIRISMO.....	38
1.3.2- COTIDIANO DA DIVERSIDADE CULTURAL.....	39
1.4- PRINCESA	40
1.4.1- CRIANÇA ENGENHOSA.....	42
1.4.2- COTIDIANO DE CRIANÇA.....	43
1.5- INTERAÇÕES ENTRE OS FAMILIARES.....	44
2. PROCESSOS.....	45
2.1- DESENHOS DE FOTOS.....	46
2.1.1- MODELO VIVO.....	52
2.2- ESTUDO DE CORES.....	59
2.3- PINTURA.....	63
2.4- CADERNO DE REGISTROS.....	70
3. ME VENDO NAS PINTURAS.....	72
4. REFERÊNCIAS.....	74
ANEXO A: TCLE- HUMANIDADES.....	76
ANEXO B: TCLE- RESPONSÁVEIS.....	77

INTRODUÇÃO

Este trabalho nasceu da necessidade de mostrar minha pintura, através de retratos do cotidiano de minha família. Tenho também o desejo de apresentar suas histórias, vivências e de certa forma, homenageá-los. Através dessa necessidade, surgiu então algo mais forte e inesperado: minha relação com eles. Assim, passei a observar essa relação a partir dos retratos em que estava pintando.

Neste, pesquiso também questões da própria pintura e retrato (anatomia, cores, tons, técnicas, etc) e sobre as pessoas que estou desenhando/pintando (história, manias, identidades, coisas do cotidiano, entre outros).

No ano de 2023, iniciei minha pesquisa em retratos, partindo de esboços que foram feitos em um caderno de artista. Esses esboços consistem em usar uma foto impressa(em papel fotográfico) de cada uma das quatro pessoas que escolhi da minha família (mãe-Elizeth, pai-Sivaldo, marido-Hudson e sobrinha-Yohanna) como referência e trabalhá-la no papel com lápis ou caneta.

Como quero algo mais natural e gestual, preferi não utilizar a borracha, pois um dos objetivos é fazer um exercício mais preciso da anatomia e do traço, o estudo desses traços e mostrar meu caminho até a versão final.

A partir do momento em que senti melhora em meus desenhos, comecei a trabalhá-los com aquarela em papel fazendo, desta vez, um estudo das cores e tons que pretendo usar na futura pintura. Este estudo facilita a minha percepção destes e me ajuda no processo final. Assim, a última etapa é passar pra tela com tinta acrílica fosca (que é o que me familiarizo mais), fazendo uma pintura rápida, porém precisa da pessoa escolhida, que é acompanhada de sua paleta de cores, feita durante a pintura com a própria tinta.

A pesquisa é dividida em 2 capítulos, o 1º por nome de “Um Pouco de Minha Família” e o 2º por nome de “Processos”. No capítulo 1, começo com a biografia da pessoa a ser pintada nomeada com os apelidos carinhosos que os chamo (Mãezinha, Painho, Amor e Princesa), fazendo um caminho por suas vidas desde seu nascimento até os dias atuais. Esta biografia, é resultado de uma entrevista que fiz com eles para entender melhor sobre os mesmos e conhecer um pouco de suas histórias e superações. Apenas no subcapítulo 1.5 diferencio um pouco, finalizando o capítulo 1 e mostrando suas interações e comparando suas vidas.

Neste, exponho minha relação com cada um de forma indireta, ou seja, sem me colocar necessariamente nas pinturas. Esta de certa forma, tornou-se minha problemática, pois para mim é um assunto delicado e difícil de demonstrar (por ser uma pessoa um pouco reservada). Porém, esta pesquisa acabou sendo um exercício de descobertas e desapegos.

Já no capítulo 2, como o nome já diz, foco em demonstrar meu processo em pintura e desenho. Apresento minhas dificuldades, as referências e descobertas que foram surgindo, de forma narrativa e livre. Neste capítulo, destaco alguns artistas e teóricos que falam/pintam sobre cotidiano e afeto (como Lynette), Adriana Varejão que fala sobre cor, Mariana Pinto e Lynne Chapman que falam sobre modelo vivo, materiais diversos e processos artísticos.

Após todos esses estudos e análises, apresento o resultado deles, ou seja, a pintura finalizada. No subcapítulo “2.3- Pintura”, o objetivo é além de mostrar o resultado, mostrar as reações de meus familiares e minha identificação com tais obras. Mesmo sendo retratos da minha família, comecei a perceber semelhanças com alguns gestos e manias que também faço (afinal estou pintando minha família). Bem como a pintura, que estou tentando deixar minha assinatura, com as cores, pinceladas, luzes e sombras. Buscando mostrar algo novo, apenas pintando e experimentando.

Por fim, nas considerações finais denominada “Me vendo nas Pinturas”, pretendo responder todos ou alguns dos questionamentos que fiz até o presente momento, resolver minha problemática inicial e responder como me vi em tais pinturas.



Figura 1-Tradição de mãe, pintura 3, 2023



Figura 2: Hora do café, pintura 5, 2023



Figura 3- 21 horas:traballar, pintura 2, 2023



Figura 4: Voltando a ser avô, pintura 4, 2023



Figura 5-Hora da Historinha, pintura 1,2023



Figura 6: Família reunida, pintura 6, em andamento.

1- UM POUCO DE MINHA FAMÍLIA

Neste capítulo, apresentarei um pouco da história, minha relação e os porquês de ter escolhido cada uma das quatro pessoas da minha família para esta pesquisa. São elas: minha mãe(Elizeth), meu pai(Sivaldo), meu marido(Hudson) e minha sobrinha(Yohanna).

Dou início nos relatos de suas histórias, fruto de entrevistas feitas com cada um. Já nesta parte, percebo diferenças em como eles narram suas trajetórias. Minha mãe preferiu resumir o máximo, porém sem deixar nada faltando. Meu pai, contou os mínimos detalhes de toda sua jornada (de criança até os dias atuais), falou de sua família, das casas que viveu, dos trabalhos e empresas e tudo que tinha direito. Meu marido preferiu ele mesmo escrever em um papel e me entregar pronto. E por fim minha sobrinha, como tem apenas 3 anos de vida, mal conseguiu contar sua história que está apenas começando, precisei então perguntar à sua mãe.

Logo, fiz uma relação destas com o desenho e a pintura. Minha mãe, comparei a um tipo de croqui ou esboço, que não tem muita informação, mas tem o suficiente para “entender o desenho”. Meu pai, comparei a uma pintura realista, cheia de detalhes, cores e informações. Tudo que você precisar saber estaria ali diante de uma “tela auto-explicativa”. Meu marido comparei a uma pintura que se ache pronta, como se ele estivesse pintado e eu não tivesse visto o processo, como se a achasse pronta ou escondesse algo.

Já minha sobrinha, apenas começou a riscar. Às vezes sai um círculo ou cores e às vezes não tem nada, como uma pessoa que está “engatinhando” na arte, aprendendo a desenhar/pintar e precisa de alguém que a ajude ou faça por ela.

Todos, mesmo contando suas histórias de formas diferentes, dispõem de vivências parecidas e uma pessoa que os interligam: eu. Não apenas eu, mas também Yohanna, que é tão nova e já consegue chamar tanta atenção de todos.

Após navegar por suas histórias, explico minha relação com eles e os porquês de tais escolhas. Minha mãe e meu pai escolhi por admiração, afeto e respeito. Meu marido, por seu companheirismo e carinho. E minha sobrinha, por ser esperta e fazer uma certa “ligação” entre os três. Com tudo isso, resolvo o primeiro capítulo para que o leitor conheça um pouco de minha família e as conexões que esta pesquisa tem me deixado experimentar com eles.

1.1- MINHA MÃEZINHA¹

Elizeth Pereira dos Santos Silva nasceu no dia 10-1-1974 em uma cidadezinha no interior da Bahia chamada Sítio Grande. Filha de Cipriano Santos e Joventina Gomes, era a mais nova de 14 irmãos. Vivendo uma vida muito humilde e sofrida com seus pais, precisou ajudá-los desde criança nos afazeres de casa e no trabalho de lavrador e, por este motivo, não pôde completar seus estudos, finalizando-os na 4° série.

Em 1987 com apenas 13 anos, decidiu que queria aprender coisas novas e ter sua independência financeira. Então mudou-se para Aparecida de Goiânia para trabalhar com serviços gerais(limpar, cozinhar, passar roupas, etc) com uma moça chamada Eunice, onde trabalhou por um ano. Após este emprego, continuou sua jornada de doméstica até os 18 anos, sempre indo de casa em casa, porém continuou morando em Aparecida.

Em 1992 voltou para Bahia, mas desta vez decidiu ficar em Barreiras, pois tinha mais oportunidades de trabalho. Lá, conseguiu um emprego de doméstica e morou no local por mais um ano. Neste meio tempo, visitava seus familiares e tornou-se uma pessoa evangélica e devota.

No ano seguinte (1993) com 19 anos, descobriu a gravidez de sua primeira filha e decidiu sair deste emprego e tentar a vida novamente em Aparecida de Goiânia. Desta vez foi morar com seus quatro irmãos (Dina, Divan, Neto e Disso), que já moravam no local há algum tempo. Encontrou outro emprego de doméstica e trabalhou durante os nove meses de gestação. Ganhou sua filha e ficou quatro meses em casa de licença maternidade.

Os nomes de seus irmãos na verdade são Aldina, Adivan, Ernesto e Edson, mas ela os chama assim porque era como as pessoas os chamavam (amigos e familiares da época). (Silva, E., 2023).

Após esse período, continuou sua jornada em Goiânia, sempre mudando de casa em casa, de serviço em serviço até engravidar novamente de seu 2° filho em

¹ Mãezinha- Apelido carinhoso que gosto de chamar minha mãe.

1995 (com 21 anos). Permaneceu com o pai de seu filho até o 6º mês de gestação e, após a separação, morou novamente com uma outra irmã chamada Santilha (Sátila) até o ano de 1999, sempre trabalhando e ajudando nas contas de casa. Logo após algum tempo morando com sua irmã, decidiu que era hora de sair da casa de sua irmã e viver sozinha com seus dois filhos (Elisandra e Marcos). Mesmo saindo de lá, sua irmã se ofereceu para cuidar de seus dois filhos enquanto trabalhava, pois não havia outra pessoa para esta função.

No momento em que completou-se seis meses morando sozinha, com 25 anos de idade, conheceu outro homem (que viria a ser seu futuro marido) através de amigos da igreja chamado Sivaldo (22 anos). Com três meses de relacionamento se casaram e dois anos depois (2001) nasceu sua 3ª filha chamada Elida.

Dez meses depois, toda a família deslocou-se para outra cidade no interior de Goiânia denominada Bela Vista de Goiás, onde moram até os dias atuais. Assim que chegaram, conseguiram uma casa no fundo da Igreja Assembleia de Deus, a qual não pagavam aluguel, água e energia, mas ficavam responsáveis por fazer a limpeza da mesma. Com isso, passaram a frequentá-la.

Um mês após sua chegada à Bela Vista, percebeu sua última gravidez que foi um baque, pois sua caçula tinha apenas onze meses. Por conseguinte, permitiu-se descansar e parar de trabalhar por um tempo. Tendo feito isso, quando seu caçula fez seis meses e sua 3ª filha fez dois anos, colocou-os na creche e voltou a trabalhar de diarista em Bela Vista e também em Goiânia. Após muitas mudanças de casa, no ano de 2006, seu marido vendeu um barracão de 3 cômodos que tinha em Aparecida e com o dinheiro, conseguiu comprar um lote e construir uma casa onde moram até os dias atuais.

Continuou trabalhando de diarista até o ano de 2011, pois em 2012 assinou carteira em uma empresa de laticínios chamada Laticínios Piracanjuba, a qual começou trabalhando de copeira e auxiliar de limpeza. Um ano depois, desenvolveu problemas de coluna (hérnia de disco) ocasionada do trabalho pesado e foi realocada para o serviço de lavanderia (que era menos agressivo). Mesmo passando por este feito, sua vida financeira melhorou razoavelmente e isso fez com que ela continuasse trabalhando nesta empresa por mais 9 anos.

Neste meio tempo, teve a saúde bastante afetada. Desenvolveu Artrose no joelho, Bursite e Tendinite no ombro, mas mesmo assim não desistiu de seu trabalho. No ano de 2022, esta empresa terceirizou a lavanderia, sucedendo uma

grande desordem no local e desencadeando a sua saída da empresa. No momento atual, com seus 49 anos de idade, trabalha como autônoma de confeitadeira, costureira e dona de casa.

Elizeth, pelo contrário do que alguns pensam, sente muito orgulho de sua trajetória e de suas conquistas e tem um conselho para os jovens do séc XXI: *“Não desista dos seus objetivos. Vencendo os obstáculos, você torna-se mais forte e pronto para vencer”*.(Silva, E., 2023)

1.1.1- Além do Afeto

A biografia citada anteriormente, foi resultado de uma entrevista que fiz com minha mãe no dia 06-8-2023. A mesma, foi feita para entender melhor sobre a pessoa que iria desenhar/pintar, conhecer e lembrar de sua história, criar conexões afetivas e principalmente fazer ligações com seu cotidiano. Já tinha ciência de boa parte de sua história, pois sempre fui muito curiosa sobre seus antepassados. Porém, preferi fazer esta entrevista para não perder nada e ter certeza dos detalhes.

Durante esta entrevista, percebi que minha mãe sentiu-se bastante à vontade. Contou os detalhes de sua vida com muita naturalidade, sorria e ria bastante da situação (principalmente quando lhe dizia que ficaria famosa). Mostrou-se interessada a todo momento, pois observei que parou seus afazeres para sentar e ser entrevistada.

Mesmo quando ela se mostrava interessada e a vontade, sentia que seus afazeres diários (lavar louça, varrer a casa, olhar as netas, etc) a convocava, e por isso, frequentemente olhava para os lados e perguntava se já estava terminando. Porém, isso não atrapalhou em nada o seu interesse.

Após atentar-me a esses fatos, fiz ligação com a parte da história dela, em que ela sai de casa com apenas 13 anos e corre atrás de sua independência financeira. Isso, a meu ver, mostra que ela sempre foi uma mulher determinada, independente, responsável. Mesmo sendo mãe de quatro crianças, sempre conseguiu correr atrás de sua independência e não deixar faltar-nos nada.

Considerando isso, interessei-me por apresentá-la para os outros em minhas pinturas, pois estarei demonstrando minha admiração por sua grande força. Buscarei valorizá-la além de qualquer laço de afeto ou proximidade entre mãe e filha, apresentando-a em seu simples cotidiano.

Quando fiz alguns esboços e mostrei a ela, percebi também que surgiu a questão da pessoa se ver desenhada/pintada. Comentários como: “Nossa tá igualzinho!” ou “Olha que legal ela me desenhou!”. Minha mãe é a única que eu nunca havia desenhado e, parando para pensar o porquê, lembrei de como seu rosto possui muitos tons de marrom e caramelo, de como seus olhos são expressivos e cansados, de como ela não para, sempre está fazendo algo na casa, e não tem “tempo” para nem sequer ser um modelo vivo.

Essas, eram minhas maiores dificuldades quando pensava em desenhá-la ou pintá-la, e, para esta pesquisa precisei pintá-la. Foi como um “déjà vu”. Senti as mesmas dificuldades quando a pinte e tive que enfrentá-los. Hoje essas dificuldades tornaram-se parte da “poética” do meu trabalho, e aprendizado para as próximas. Me fez pensar também, a influência e dimensão que tal pintura está tomando. Sinto que tenho que ter cuidado e observar praticamente tudo que for pintar, a cor que irei escolher, o contexto, entre outros assuntos quando essas pinturas estiverem a público.

1.1.2- Cotidiano e Tradição

Cotidianamente, Elizeth levanta por volta das 8 horas, coloca a água para ferver em uma caneca (de alumínio) para preparar o café. Enquanto a água ferve, ela lava as vasilhas e limpa o fogão, e após essas coisas, “passa o café” em um coador de pano. Geralmente, seu marido sai para trabalhar antes do almoço (por volta das 11 horas), então sempre prepara algo para ele comer (cuscutz tradicional², pães de queijo ou bolos).

Como possui uma criação de galinhas e cachorros, repõe suas comidas(ração) e troca a água. Também limpa o quintal e molha as plantas do quintal. Às 12 horas, prepara o almoço, e durante o tempo que o faz, lava as roupas, a casa e estende as roupas. Assim que o almoço fica pronto, se alimenta e os restos vão para os cachorros e galinhas.

De terça a sexta, das 14 às 18 horas, cuida das netas para que sua filha (que mora perto) possa trabalhar. Neste meio tempo, continua seus afazeres. Costura, organiza os quartos, faz a janta (às 17 horas) e descansa. Todos os dias após as 18 horas, sua filha busca as netas dela e as duas conversam por um tempo. Quando chega a noite, por volta das 23 horas, ela repousa, pois um novo dia virá ao amanhecer. E assim é a rotina atual de Elizeth desde que sua 1º neta nasceu em 2015, e seus filhos saíram de casa. Seu cotidiano só muda aos domingos pois vai à igreja à noite.

Atentando-me às informações acima, recordo-me de quando eu era ainda criança(a partir dos 5 anos de idade) e o cotidiano de minha mãe era totalmente diferente. Ela precisava acordar às 5 horas e acordar-nos (eu e meus três irmãos) cedo para levar-nos à escola, e antes de nos acordar, deixava a casa arrumada, deixava-nos na escola e ia trabalhar. Em minha cabeça inocente de criança, nunca imaginava que ela passava por tanto(até ela me contar).

Tomando ciência de sua história(atraves da entrevista), entendo que seu dia a dia quando morava com seus pais na Bahia, também era totalmente diferente. Brincava, ajudava sua mãe nos afazeres de casa, ajudava seu pai na lavoura e a cuidar dos animais, ia à escola entre outras coisas.

² **Cuscuz Tradicional:** prato típico da culinária brasileira, feito com farinha de milho, polvilho e sal (cozido).

Voltando à sua rotina atual, e fazendo comparação com sua vida na Bahia, percebo que a importância de cuidar da casa, filhos e netos é uma tradição, pois também fui ensinada assim. Mesmo depois que ela saiu de sua cidade e da casa dos pais, continuou essa tradição e passou para suas filhas.

Essa tradição tornou-se tão intensa, que comecei a observá-la fazendo os tarefas domésticas, e percebi que também enfileiro os prendedores de roupas no varal assim que acabo de estender as roupas (figura 1). Desde então, venho atentando ao meu dia a dia com mais cuidado e carinho.

1.2- PAINHO³

Sivaldo Rodrigues da Silva nasceu no dia 22-2-1977 na Bahia, que anteriormente era município de Xique-Xique, no povoado do Rio Verde 2, na fazenda Daniel Perninha. Nascido de parto normal, com a ajuda da parteira Dona Isabel, foi o único que sofreu complicações na hora de seu nascimento por ser um bebê muito grande. Sivaldo é o 6º de 11 irmãos, sendo 5 de sua mãe Belionisia Alves de Sousa e 6 de seu pai, Deocleciano Rodrigues da Silva (foi o primeiro filho do casal).

Continuaram morando nesta fazenda até mais ou menos 4 anos de idade, mudando-se para outra fazenda chamada Louro, onde seu pai era gerente e tinha a função de serviços gerais⁴. Nesta fazenda, nasceu o 4º filho de seus pais chamado Marielio e, após um ano, deslocaram-se para um povoado chamado Angical-BA, ficando lá por um tempo trabalhando na função de plantar bananas.

No ano de 1983, após acabarem o serviço, a família novamente mudou-se para outra fazenda por nome de Tiriri, desta vez viviam da plantação de feijão carioquinha⁵. No primeiro ano a colheita foi abundante, porém no segundo ano, sucedeu uma chuva de granizo, afetando a plantação e diminuindo o sustento da mesma e fazendo com que eles voltassem para o povoado de Rio Verde 2 (ainda Xique-Xique).

Neste período, seu pai trabalhou com irrigação de cebola, melão e melancia. Já sua mãe, trabalhou com irrigação de tomate com suas filhas mais velhas Maria da Conceição, Maria Antônia e Maria Celeste, que trabalhavam em um período e estudavam em outro. Enquanto seus pais e suas irmãs mais velhas trabalhavam, sua irmã Josenir (quinta filha de sua mãe) cuidava dele e de seus 3 irmãos mais novos, chamados Jozé Antônio, Reivaldo e Marielio.

No ano de 1985, com 8 anos de idade, entrou para a escola chamada Professor Salomão Ribeiro de Sousa- povoado Rio Verde 2 (professora Conceição), onde estudava de manhã e trabalhava na roça à tarde. Mesmo com idade avançada, começou a estudar na pré- alfabetização, pois sabia contar apenas até 20.

³ **Painho:** nome carinhoso que eu o chamo

⁴ **Serviços gerais na fazenda:** cuidar do gado, plantação e reparar a cerca

⁵ **Feijão Carioquinha:** variedade de feijão comum que possui cor bege com listras marrons

Em 1986, houve a Reforma Agrária e seu pai ganhou uma terra do Incra⁶, onde trabalharam e moraram criando cabras, ovelhas, porcos e fizeram plantação de milho, mamona e feijão nas margens do Rio verde, na fazenda Almas. Sua mãe preferiu não ir, pois já tinham uma casa e um filho mais novo chamado Evandro. A fazenda era (em média) 18 km de distância da casa de sua mãe.

“Evandro nasceu em Rio Verde em uma casa feita de taipa⁷ que pegou fogo. Após esse acontecimento, o povoado fez uma vaquinha e construíram uma casa de adobe⁸ e telha de barro. Posteriormente a esses acontecimentos, ganharam a fazenda.” (Silva, S., 2023)

Ele e seus irmãos passaram a morar e trabalhar nesta fazenda onde as tarefas eram divididas. Sivaldo cuidava das cabras, Jozé Antônio dos equinos, Reivaldo das ovelhas e Marielio das galinhas. Em outro período, eles também estudavam, no povoado⁹ de Lagoa da Palha (Professora Salete), que ficava à 3km de distância da casa. Por isso, iam de bicicleta, jumento e até mesmo a pé. Estudaram nesta escola por 1 ano, mas após este período, construíram outra perto desta que parecia ser melhor. Então migraram todos para lá. Sivaldo fez o 2º e o 3º ano nesta escola.

Quando tinha entre 10 e 12 anos de idade, sua mãe saiu da Bahia e foi para Goiânia passear com seus dois filhos (Evandro e Mariele). Seus filhos tiveram problemas de saúde e, por isso, tiveram que ficar os três em Goiânia por mais 3 anos. Neste meio tempo, Sivaldo e seus irmãos revezavam para visitar sua mãe nesta cidade.

Em 1990, sua mãe voltou para a Bahia e em 1991, ele voltou a estudar na escola Professor Salomão, onde fez a 4ª série com a professora Lourdes. No dia 02-1-1992, mudou-se para Aparecida de Goiânia (setor Nova Cidade), onde morou com sua irmã Conceição em uma casa que tinha apenas um cômodo. Nesta casa moravam também o marido de sua irmã e suas três filhas.

⁶ **Incra**: Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária- encarregado pela gestão da agricultura e da pecuária no país.

⁷ **Taipa**: Casa construída de barro e madeira

⁸ **Adobe**: Casa feita de tijolos de adobe, que são feitos de uma mistura de argila, areia, água e, às vezes, materiais orgânicos, como palha.

⁹ **Povoado**: Local habitado por um número reduzido de pessoas

No mesmo ano, teve que se mudar para a casa de seu outro irmão (que tinha 3 cômodos) chamado Mário que morava só no Jardim Tiradentes. Matriculou-se na escola Jardim Tiradentes no período matutino onde fez o ensino fundamental 2 (5ª, 6ª, 7ª e 8ª série).

Como não estava conseguindo emprego, precisou trabalhar vendendo picolés e após seis meses, fez um concurso para guarda mirim de trânsito e passou em 2º lugar. Com isso, trabalhou de Guarda Mirim dos 15 aos 17 anos. Após este período, em 1995 (18 anos) trabalhou como ajudante de pintor na Galeria Shalom e, com o dinheiro que recebeu e juntou, comprou um barracão de dois cômodos(cozinha e quarto) em Independência Mansões(GO). Nesta mesma empresa, trabalhou como vigilante noturno por algum tempo.

Aos 20 anos, conheceu uma moça e teve um relacionamento de 6 meses. Durante este relacionamento, a moça acabou ficando grávida e dando à luz sua primeira filha chamada Darlyane.

Em 1998, foi contratado pela empresa 5 Estrelas Spetion Service no cargo de Auxiliar de Limpeza e Conservação. No dia 06-08-1999, casou-se com Elizeth e foram morar juntos. Neste mesmo ano, saiu desta empresa e trabalhou durante 7 meses em uma fábrica de pipocas e auxiliar de pedreiro.

No ano de 2000, Sivaldo trabalhou por 3 meses em uma fábrica de sapatos femininos (Arte Sola). Após sair desta empresa, neste mesmo ano no mês de abril, trabalhou na empresa Caimi de Serviços gerais durante mais 1 ano, saindo em outubro de 2001.

No dia 20 de junho de 2002, queria morar em um lugar mais tranquilo, então mudou-se para Bela Vista de Goiás(GO) e começou a trabalhar em uma empresa agrícola chamada Granja Saito, onde trabalhou durante 3 meses. Em Setembro de 2002, saiu da Granja e foi contratado pela empresa Laticínios Piracanjuba na Expedição¹⁰ do queijo.

Sivaldo trabalhou nesta empresa por longos onze anos, e durante esses anos, foi transferido para a caldeira¹¹ (2 anos depois) e subiu de cargo para Encarregado de Setor até sua saída em junho de 2013. Posteriormente a sua saída, com o seguro desemprego (que durou cinco meses) comprou um carro, viajou e

¹⁰ **Expedição:** Local onde o produto chega para o enviar a outros locais.

¹¹ **Caldeira:** recipiente metálico para aquecer líquidos ou produzir vapor.

descansou. Por volta das últimas três semanas antes do seguro acabar, fez alguns serviços de auxiliar de pedreiro para manter a família.

Em novembro de 2013, entrou em outra empresa chamada Febela Agroindustrial, na qual desempenhou a função de Operador de Caldeira por três meses. Saindo desta, conseguiu um emprego de soldador particular durante mais seis meses.

No ano seguinte (2014), em agosto, foi admitido na empresa Laticínios Goianinho trabalhando novamente como Operador de Caldeira. Seis anos depois, esta mesma empresa mudou de nome para Laticínios Diolac, sucedendo também uma mudança de local e contratá-lo novamente. Mesmo ocorrendo isto, ele continua trabalhando nesta empresa até os dias atuais.

Após sua longa jornada até os dias atuais e, pensando nos outros que virão, Sivaldo deixa um versículo da bíblia para todas as pessoas: “Confia no Senhor de todo o teu coração e não te estribes no teu próprio entendimento. Reconhece-o em todos os teus caminhos, e ele endireitará as tuas veredas.”. (Provérbios 3-5,6)”.

1.2.1- O Provedor e Doutrinador

A partir da entrevista acima que fiz com meu pai no dia 13-08-2023, e da minha convivência com ele, percebi que meu pai era o provedor¹² da casa. Não só pelo fato de sempre estar trabalhando, garantindo que não faltasse nada para nossa família, mas também pelo fato de gostar deste “cargo”, de ser aquele que ensina, que conta suas vivências e mostra a importância de certas coisas (principalmente o trabalho).

Meu pai sempre me ensinou as coisas da vida com base na bíblia e em suas vivências. Sempre mostrando e demonstrando a importância de se adaptar às coisas novas, a se preparar e correr atrás de nossos objetivos.

Ele gostava (e gosta) de dizer uma frase da bíblia que fica em Mateus 6-33: “Buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas”. Afirmava esta frase sempre que conversávamos sobre a vida, e logo em seguida, completava dizendo para nos esforçarmos e sermos persistentes.

Para mim, ele é e sempre foi símbolo de força, de proteção e de doutrina¹³. Ele era aquele que eu perguntava e quase desenhava para eu entender. Mesmo quando perdia a paciência, explicava o porquê não podia fazer tal coisa. Era o homem da casa, o mais respeitado, e ao mesmo tempo o mais carinhoso.

Sinto que por isso o escolhi para fazer parte da minha pesquisa. Enquanto minha mãe cuidava da casa, dos afazeres e das crianças, meu pai garantia o “pão de cada dia” mas sem deixar cair na rotina, sempre nos levando para passear ou ir na praça tomar um sorvete. Cada um teve um papel muito importante em minha infância.

Quando ele tornou-se avô da minha segunda sobrinha, observei que ele voltou a ser o “pai da minha infância”, pois a primeira ele não teve muito contato. Sua neta Yohanna é muito apegada¹⁴ a ele, então ele pôde ter a liberdade para brincar, filmar e conviver com ela.

Um dia, quando estávamos conversando sobre ela, falou: “só senti a sensação de ser avô quando Yohanna nasceu”. Ouvir aquilo foi muito forte para

¹² **Provedor:** Algo ou alguém que provê ou que fornece o necessário

¹³ **Doutrina:** conjunto das idéias básicas contidas num sistema filosófico, político, religioso, econômico etc.

¹⁴ **Apegada:** próxima, íntima; que quer estar perto; agarrada.

mim, pois ele queria sentir aquela alegria de poder segurar sua neta e brincar ou cuidar dela. Penso que, o fato de se tornar o “provedor” e “homem da casa”, tirou-o indiretamente de demonstrar qualquer sentimento por mais bobo que fosse.

A partir dessa fala, fiz a pintura chamada “Voltando a ser avô” (figura 4) onde está meu pai segurando sua neta no colo após um longo e cansativo dia de trabalho. Nesta tela, procurei demonstrar a felicidade no olhar dos dois e a alegria que senti em fazê-la através das cores e composições. Não à toa, tornando-se uma das minhas pinturas favoritas.

1.2.2- Cotidiano e Evangelho

Todos os dias (segunda à sexta), Sivaldo acorda por volta das 9 horas, toma café da manhã (geralmente) e vai trabalhar às 11 horas. Das 17 às 18 horas, faz um intervalo do trabalho e vai para casa almoçar. Às 18 horas retorna ao serviço e regressa para casa às 00 horas. Antes de dormir, alimenta-se de algo e deita-se para dormir à 1h30.

Aos sábados é sua folga, então aproveita para descansar e resolver algo “na rua”¹⁵. Aos domingos, acorda às 4h30 e sai às 5 horas para trabalhar. Retorna às 13 horas, almoça e descansa (dorme) das 14 às 17h30. Às 18h30, arruma-se para ir à igreja e às 21 horas volta para casa, onde dorme novamente à 1h30, pois um longo dia virá a seguir.

Além do cotidiano tradicional de todos os dias, meu pai também passa boa parte do seu dia lendo e estudando a bíblia. Às vezes no trabalho, às vezes em casa, mas sempre lendo e estudando cada vez mais a fundo. Mesmo tendo feito diversos cursos, ser bacharel em Teologia¹⁶, e tendo um cargo na igreja de Presbítero¹⁷, não sente-se obrigado a estudar, do contrário o faz porque gosta e se sente bem com o fato.

Meu pai, desde quando aceitou a Jesus no ano de 1992, é um homem que segue os preceitos de Deus e a sua palavra. Por isso, tive ciência que ele era um bom chefe de família e que soube educar bem a mim e a meus irmãos, tanto que o respeitamos imensamente (como citei no capítulo anterior).

Por ele ser um Presbítero que teme a Cristo e está sempre lendo a palavra do senhor, chamado de homem de Deus, procura viver uma vida correta dedicada ao Criador. Uma vida baseada na fé, no amor, na perseverança e no respeito ao próximo. Assim como minha mãe, o escolhi por minha enorme admiração pelo ser humano que ele se tornou.

¹⁵ **Resolver algo “na rua”:** pagar alguma conta, fazer compras, etc.

¹⁶ **Teologia:** Curso que aborda a existência de Deus e de todas as divindades

¹⁷ **Presbítero:** “ancião”; pessoa mais velha respeitada na igreja; aquele que cuida da igreja.

1.3- AMOR¹⁸

Hudson Ramos Sousa nasceu no dia 03-4-1996 na cidade de Santo Antônio do Tauá- PA, filho de Raimundo Nonato e Marinalda Gomes. Seu pai trabalhava como pedreiro e na lavoura (quando não tinha serviço de pedreiro). Já sua mãe, era doméstica e ajudava seus sogros também na lavoura (mandioca brava¹⁹, milho e gergelim) e na pesca.

Assim que nasceu, Hudson e seus dois irmãos mais velhos(Helton e Harley), foram morar com seus pais no interior desta cidade, chamada Santa Rita. Até os 6 anos de idade, morou em uma casa com três cômodos (quarto, sala e cozinha), feita de pal a pique²⁰, sem água encanada e energia elétrica. Dormiam ele e seus dois irmãos em um único colchão no chão e seus pais em outro. Sua mãe utilizava a água do rio para praticamente tudo, lavava roupa, louça e tomava banho.

Sua rotina de criança(4 a 6) era basicamente acordar cedo, ir para a escola andando (pois a escola era perto de casa), voltava da escola às 12 hrs, brincava com seus irmãos e amigos e às 19:30 deitava-se para dormir.

Aos 7 anos de idade, após a morte de seu avô paterno, sua família mudou-se para a casa da avó paterna que residia na mesma cidade. Por causa disso, Hudson e seus irmãos tiveram que mudar de escola, agora chamada Escola Celina Hermes-Tracuateua da ponta e passaram a ir para lá de ônibus, pois ficava a 3 km de casa. Nas férias de fim ano, ele e seus irmãos viajavam para cidade de Belém e ficavam na casa de sua tia materna chamada Inês. Lá ganhavam presentes e comemoravam as festas de fim de ano, visto que ela tinha melhores condições de vida.

No ano de 2004, sua família melhorou um pouco sua vida financeira, já que passaram a receber ajuda do governo e seu pai começou a ter mais serviço na construção civil. Então, mudaram-se para uma nova casa feita de alvenaria²¹, que foi construída por seu próprio pai. Nesta casa agora, tinha energia elétrica, beliche, televisão entre outras coisas para o conforto deles.

¹⁸ **Amor:** apelido carinhoso que dei a meu esposo

¹⁹ **Mandioca Brava:** Legume utilizado para fazer farinha de Puba

²⁰ **Pal a pique:** casa de barro

²¹ **Alvenaria:** Casa feita de tijolos e cimento

Com 10 anos(2006), mudou-se para outra escola chamada Wanda Lima de Souza, para fazer o fundamental 2 (6º ao 9º), neste período passou a estudar à tarde, porque na parte da manhã, ajudava seus pais na lavoura e na pesca.

Por volta de 2010 (13 anos), para fazer o ensino médio, migrou-se para a escola Inácio Moura, que ficava na cidade de Santo Antônio do Tauá, e por isso, tinha que pegar outro ônibus, já que ainda morava no interior da mesma. Neste mesmo ano, conheceu alguns amigos que frequentavam a igreja e decidiu visitá-la.

Alguns meses depois, no dia 25 de outubro, aceitou a Jesus na 1ª Igreja Batista de Tracuateua da Ponta e passou a frequentá-la constantemente. Em 2014, finalizou o ensino médio e, sempre que tinha oportunidade, trabalhava como ajudante de pedreiro, na lavoura e vendendo pães em seu povoado junto a seu pai e seus irmãos.

No dia 06-12-2015, foi batizado nas águas na mesma igreja a qual aceitou a Jesus. Após o batismo, passou a participar mais na igreja, ajudando em campanhas missionárias, limpeza e visitando pessoas doentes.

Por volta de 2017, com a indicação de seu amigo Adriel, começou a fazer o curso de Missiologia²² durante um ano. De acordo com Hudson, este curso trouxe bastante impacto para sua vida espiritual²³ e para o seu dia a dia, fazendo com que ele mudasse seu modo de pensar e agir. Com isso, sua interação na igreja foi se tornando cada vez mais profunda.

Posteriormente, começou a dar aulas de estudos bíblicos para os jovens, trazer a palavra(pregar)²⁴ e participar de reuniões na igreja em que frequentava e em outras também. Assim, foi levando sua vida, trabalhando e indo a igreja até o ano de 2019.

Entre o final de 2018 e início de 2019, um casal de amigos que moravam em Bela Vista de Goiás, o convidou para mudar-se para a mesma. Então, no dia 20-02-2019 deslocou-se para lá e foi morar com esse casal junto de mais cinco pessoas(que já moravam lá).

No dia 02-04-2019, Hudson conseguiu seu 1º trabalho de carteira assinada em uma empresa chamada Ecoflor com o cargo de operador de máquina, onde fazia reciclagem de pneus. A partir daí, passou a dividir as contas da casa com

²² **Missiologia:** ramo da Teologia que estuda as missões, que são ações de propagação de uma religião.

²³ **Vida Espiritual:** intimidade com Deus(criador) e o Espírito Santo.

²⁴ **Trazer a Palavra (pregar):** abordar; pronunciar um sermão.

todos que ali moravam e teve sua vida parcialmente melhorada. Trabalhou nesta empresa por seis meses, porém, após isso, recebeu uma proposta melhor para trabalhar em outra empresa chamada Laticínios Piracanjuba, com o cargo de auxiliar de produção.

Cerca de nove meses depois, através de um colega do seu antigo trabalho, conheceu uma mulher chamada Elida que futuramente seria sua esposa. Namorou, noivou e casou-se com ela em um mesmo ano (prazo de 11 meses) e continuaram a morar na cidade de Bela Vista. Porém, em 2022, sua esposa recebeu uma proposta de emprego em Goiânia e, por causa disso, teve que se mudar novamente e procurar um novo emprego na mesma cidade.

Graças aos 2 anos trabalhados na empresa anterior, conseguiu dinheiro suficiente para se deslocar e visitar seus familiares em sua cidade natal (Santo Antônio do Tauá-PA). Voltando da viagem, foi contratado no supermercado Big(varejista) como operador de loja, trabalhando durante 9 meses.

Após esses nove meses, recebeu o seguro desemprego por cinco meses e, nesse meio tempo, fez bicos²⁵ como ajudante de pedreiro. Em março, começou a trabalhar a noite como ajudante pela empresa HGC Reformas onde trabalha até os dias atuais.

De acordo com suas vivências, Hudson percebeu que quando colocamos Deus em 1º lugar, conseguimos almejar aquilo que desejamos e com isso deixa um versículo da Bíblia para o leitor: “Busquei ao Senhor, e ele me acolheu; e livrou-me de todos os meus temores..” (Salmos 34-04).

²⁵ **Bico:** trabalho sem carteira assinada.

1.3.1- Companheirismo

Meu relacionamento com o Hudson foi se construindo rápido e objetivamente, nos conhecemos em 2020 e nos casamos no mesmo ano. Já no namoro, me dei conta de que ele sempre me ajudava em algumas coisas como limpar a casa e sempre queria estar por perto. No casamento não é diferente, hoje ele me ajuda nas coisas da casa, paga as contas e sempre me apoia em minhas decisões.

O fato dele exercer esse companheirismo²⁶ em nosso relacionamento desde o começo, foi um dos motivos que me levou a tê-lo escolhido para esta pesquisa. Porque, além de agora ele ser minha família, também é tão cordial e possui tamanha empatia. O que para muitos seria uma coisa simples e mínima, para mim é algo que valorizo muito nas pessoas, principalmente a pessoa que viverá comigo por tanto tempo.

Voltando-me então a história de vida dele, reparei que ele era um filho e amigo que também gostava bastante de ajudar as pessoas que lhe eram próximas. Assim que finalizou os estudos, não deixou de ajudar seu pai em seu trabalho de pedreiro, mesmo não gostando muito. Sempre pensava no próximo antes dele, antes de suas vontades, porém sem deixar de sonhar com um dia ver sua vida melhorar.

²⁶ **Companheirismo:** comportamento que caracteriza o modo amistoso, cordial, bondoso e leal de convívio entre duas pessoas

1.3.2- Cotidiano e Diversidade Cultural

Diariamente após chegar do trabalho às 7 horas, depois de uma longa noite cansativa, coloca sua cachorra Maggie para fora de casa um pouco, toma um banho demorado, toma café da manhã e senta-se no sofá para ler a bíblia. Após ler de 2 a 3 versículos da mesma, faz uma oração e chama a Maggie para dentro.

Então, finalizando este ritual, deita-se para dormir por algumas horas. Por volta de 12 horas (meio dia), levanta-se e pega seu celular para “passar os olhos” em algumas notícias. Lava as vasilhas e alimenta-se de algo.

Durante o dia, ajuda sua esposa nos afazeres domésticos e conversam bastante sobre a vida. Ao anoitecer, aproximadamente às 20 horas, faz o jantar e come enquanto assiste televisão. Vai chegando a hora de ir trabalhar, por isso arruma-se tomando banho, vestindo o uniforme da empresa e arrumando o cabelo em frente ao espelho. Às 21 horas e 30 minutos dá um beijo em sua esposa e sai para trabalhar, começando um novo dia ao amanhecer.

Quando o conheci, no ano de 2020, já percebi algumas diferenças culturais na fala, jeito de agir e suas comidas favoritas. Em sua fala percebi bastante sotaque nortista, o que foi inusitado, porém não era algo que me incomodasse. Seu jeito de agir era calmo e sorridente, um pouco diferente do que eu estava acostumada, pois meus familiares são mais expressivos. E por fim, o que mais me chamava atenção eram as comidas que ele mais gostava, como Açaí com Charque²⁷ (que geralmente comia no almoço ou na janta), Tacacá²⁸ e Maniçoba²⁹.

Para ele, também aconteceu o mesmo. Depois que nos casamos e convivemos melhor, achava diferente eu comer (por exemplo) pastel com arroz e arroz com pequi. Mesmo ocorrendo essas diferenças, não afetou nosso relacionamento, pelo contrário, me fez ter mais curiosidade e questionamentos sobre sua vida enquanto morava no Pará e, conseqüentemente, me aproximar dele e de sua diversidade cultural.

²⁷ **Charque:** semelhante a carne seca, porém em seu preparo fica mais tempo ao sol.

²⁸ **Tacacá:** prato típico do Pará, feito de Tucupi (sumo da mandioca), goma de tapioca, Jambú(folha) e camarão.

²⁹ **Maniçoba:** prato típico do Pará feito da folha da Mandioca(conhecida como Maniva) que é cozido por 7 dias corridos.

1.4- PRINCESA³⁰

Yohanna Pereira Gonçalves Santos, nasceu no dia 28-09-2020, em Bela Vista de Goiás, um bebê saudável de 38 semanas e 6 dias de parto normal (um dia antes da data marcada para a cesária), com 3,186 kg e 50 cm. Foi um parto muito rápido com duração de 9 horas a contar das primeiras contrações e na sala de parto, durou 15 minutos. Caçula de duas irmãs, é filha de Elisandra Pereira que é manicure, e Manoel Messias que é operador de empilhadeira.

Tendo em conta que Yohanna nasceu em tempos de pandemia (covid-19³¹), seu 1º ano de vida foi em isolamento total, frequentando apenas a casa de sua avó. Mesmo assim, seu desenvolvimento foi acelerado, aprendendo a engatinhar com 7 meses e andar com 11 meses.

Completando 1 ano, começou o desenvolvimento da fala (comunicação), onde falava algumas palavras como pai, mãe e tia. A partir desta idade, também se interessou e reconheceu as cores e desenvolveu a aprendizagem de algumas letras e números. Tudo isto sem ir à escola, pois além de ainda estarem em isolamento, sua mãe optou por ensiná-la algumas coisas básicas em casa.

Antes de completar 2 anos, com 1 ano e 9 meses, fez sua primeira viagem de avião para Natal-RN, conhecendo o mar pela primeira vez e ficando deslumbrada. Consequentemente foi a primeira viagem de avião de seus pais e de sua irmã mais velha também.

No final de 2022, quando completou 2 anos de idade, a pandemia cessou e pode ter mais liberdade para se desenvolver socialmente. Por essa razão, começou a frequentar parques, clubes, a igreja e todos os lugares possíveis.

Em vista disso, desencadeou a melhora em sua fala e comunicação. Formava frases com mais facilidade e falava algumas cores, números e frutas em inglês como pink (rosa), two (dois) e apple(maçã), influenciada por vídeos educacionais que via no celular de sua mãe e na TV (no youtube).

Nos dias atuais (2023), com 3 anos e 3 meses, continua desenvolvendo-se cada dia mais, sendo um criança alegre, ativa, esperta, inteligente e muito amada

³⁰ **Princesa:** Apelido carinhoso que chamo minha sobrinha

³¹ **Covid-19:** Um tipo de resfriado(forte) que acometeu as pessoas do Brasil no período de mais ou menos 2 anos (2020-2022).

por seus familiares. Creio eu que futuramente terá uma bela história para nos contar, pois sua jornada está apenas começando.

1.4.1- Criança Engenhosa

Minha sobrinha sempre se desenvolveu rápido. Penso que, além de ter acesso à internet, o fato de nascer em meio a uma pandemia, fez seus pais se preocuparem e focarem mais em seu aprendizado e evolução.

Tendo em conta as circunstâncias acima, observei que ela é a pessoa que chama atenção quando chega em casa. Tudo que ela fala é motivo de rir ou, dependendo do que, sempre tem alguém para comentar como ela é esperta e inteligente. Ela consegue facilmente trazer a atenção para si, mesmo quando não é esse o objetivo.

Por causa disso, resolvi fazer a pintura 6 (figura 6) com todos (pai, mãe e marido) sentados à mesa e olhando para Yohanna. Acredito que, ela por ser a caçula e ser tão esperta é quem conecta todos a um só propósito (exemplificado na pintura). Todos gostam muito da presença dela e a observam como se estivessem esperando ela fazer algo, ou somente para observar.

Realmente cada um dos familiares que pintei tem uma relação mais forte com ela, por isso todos tem uma obra em que eles estão interagindo. Na pintura 1 Hudson passa um tempo com Yohanna enquanto “leem” um livrinho. Na 4ª pintura, meu pai segura ela nos braços enquanto come após ter chegado do trabalho. E na 6ª, todos estão observando-a, porém desta vez minha mãe é quem está a abraçando para deixá-la segura.

Além do vínculo entre eles, atento-me à minha ligação afetuosa com ela. Recordo-me do dia em que ela nasceu, pois acompanhei todas as contrações de sua mãe e, se não tivessem levado ela para o hospital, teria feito o parto ali mesmo em sua casa. A partir dali, fui me aproximando e criando uma conexão que não sei explicar. Mesmo quando me mudei para Goiânia sempre ia visitá-la e brincar um pouco.

Yohanna, nome de origem hebraica com o significado “agraciada por Deus”, é cheia de graça, canta e encanta. Alegria a casa, faz conexões sempre que se aproxima de alguém. Mesmo tão pequena e inocente, muda o dia de quem está ao seu redor. Para mim é e sempre será minha Princesa.

1.4.2- Cotidiano de Criança

Yohanna acorda por volta de 8 horas, toma leite com Toddy(café da manhã) e brinca um pouco balanando na rede, correndo, desenhando entre outras brincadeiras. Após isso, por volta das 11 horas, almoa , toma banho e dorme o “soninho” da tarde até as 14 horas.

Ao acordar, sua avó a busca em casa (que fica na mesma rua), pois a mãe dela irá trabalhar e não poderá cuid -la. Em torno das 18 horas, a avó a leva para casa, devido ela (av ) precisar trabalhar e sua filha(mãe de Yohanna) já ter terminado o expediente do dia.

Chegando em casa, toma banho, brinca bastante com sua irmã, e mais ou menos às 19 horas tem o jantar. Posteriormente ao jantar, a partir das 22 horas, sua mãe a coloca para dormir.

Observando o dia a dia dela, fao comparao com o cotidiano de seus av s (Sivaldo e Elizeth) e tio (Hudson), e percebo que o cotidiano de criana deles era sobremodo difícil. Seus parentes, quando criana, faziam comida em fogão a lenha(pois não tinham fogão a gás), divertiam-se com brinquedos feitos de materiais não convencionais (como manga verde, madeira, sementes, etc), nadavam nos rios e andavam a cavalo. Mesmo tendo uma vida mais difícil eles se divertiam a seu modo, e de acordo com que foram crescendo (por volta dos 8 anos de idade), comearam a ajudar os pais na lavoura e outros trabalhos.

Posso dizer, não que Yohanna tem uma vida mais fácil, mas que os tempos são outros e as oportunidades também. Seus antepassados passaram sim por dificuldades, mas também aprenderam o valor do trabalho sem deixarem a infância de lado.

Evidentemente, hoje ela pode desfrutar de algumas tecnologias, e como antigamente não tinha celular e televisão, eles se distraiam com o que eles tinham. O que me chama atenao na Yohanna   que, mesmo ela tendo acesso a essas tecnologias, as brincadeiras que ela mais gosta são as que envolvem a família, como pega-pega, esconde-esconde, andar de bicicleta, entre outros.

Sei que ela não tem idade para entender o valor do trabalho, mas como ela já gosta de sempre estar em família e desenvolveu tamanho afeto, provavelmente será grata pelo esforo que tiveram para ter as oportunidades que tem hoje, e mais tarde entender  tudo que for preciso.

1.5- INTERAÇÕES ENTRE FAMILIARES

Finalizando este capítulo, deixo aqui algumas considerações. Ao analisar os capítulos anteriores, ficou claro que, além de cada um ter suas singularidades, também possuem vínculos e interações entre si, e que essas relações são de certo modo afetuosas.

A relação de todos (mãe, pai e marido) com a Yohanna é principalmente de cunho familiar. Penso que, por ser neta e sobrinha, e ter chegado a tão pouco tempo, já possui uma ligação com eles sem fazer muito esforço. Mesmo que com o passar dos anos isso vá aumentando, e se construindo de acordo com que ela desenvolva a comunicação e personalidade.

Diferente da relação entre meus pais e meu marido, que foi se construindo à medida que eles se conheciam e desenvolveram confiança. Pois, todos vieram de famílias, costumes e culturas diferentes, e passaram a se conhecer quando eu e meu marido começamos a namorar.

Por fim, reparei que assim como os relacionamentos entre eles foram se construindo aos poucos, também o desenvolvimento de minha pesquisa. Dado que, a motivação para a mesma foi inicialmente as pinturas e depois a relação familiar, assim todas as coisas foram se encaixando.

2- PROCESSOS

Neste capítulo me aprofundo e explico cada processo desta pesquisa, desde os esboços até a pintura final. De modo geral, conto minhas dificuldades, aprendizados, materiais e todas as referências que utilizei.

As referências principais para esta pesquisa são: o documentário *Questions for Lynette* (2022) e o Livro *Fly in League with the Night* de Lynette Yiadom (1ª ed. 2020). Para os modelos vivos utilizei o livro *Desenha-Me* de Mariana Pinto (1ª ed. 2017) e *Desenhando Pessoas em Ação* de Lynne Chapman (1ª ed. 2017). E para os estudos de cor, utilizei como base o livro *Pérola Imperfeita* de Adriana Varejão (1ª ed. 2014).

Minhas referências artísticas são: Lynette, Abraão, Dalton Paula, Adriana Varejão, entre outros. Cada uma das minhas referências artísticas estão ligadas a uma ou mais partes da construção do meu processo, pois foram aparecendo de acordo com o tempo que foi passando. Algumas, perpassam pela viagem que fiz a São Paulo (SP Arte), e vi que alguns artistas se encaixavam em minha pesquisa.

2.1- DESENHOS DE FOTOS

No final do mês de março, aproveitei que estava visitando meus pais e comecei a tirar algumas fotos com o celular. Fotos aleatórias enquanto estávamos conversando, lanchando ou fazendo algo do cotidiano como lavar a louça, jantar à mesa, entre outras. Essas fotos saíram um pouco embaçadas porque não estava preocupada em tirar fotos perfeitas, mas sim registrar o momento o mais natural possível, pois não conseguiria fazer muitos modelos vivos e queria buscar um novo jeito de fazer uma pintura.

No momento em que tirava essas fotos, meus pais queriam fazer poses como se fosse quando tiramos fotos em estúdios. Porém, após explicar que queria poses mais naturais, eles ficaram mais à vontade e consegui que fosse possível tais registros. Algumas vezes, precisei fotografá-los distraídos (principalmente minha sobrinha, pois ela não gosta de ser fotografada), tirei várias fotos de diferentes poses e esse momento garantiu uma certa aproximação de início. Ao final consegui o que precisava.

Após fazer este exercício, lembrei-me de uma fala de Lynette que vi em um vídeo no youtube por nome “Questions for Lynette”, onde ela responde algumas perguntas dos observadores de suas obras em uma exposição que estava acontecendo em tal lugar. A pessoa perguntou como os recursos eram definidos, qual era a linha entre memória e o imaginado, então Lynette responde:

A memória pode ser o catalisador, o início de algo. Algo que testemunhei, um olhar que vi, uma expressão, um momento, mas tenho que pesquisar isto. Então, as fontes de trabalho são recortes de álbuns com muitas imagens que colecionei, desenhos, fotografias. Não tiro coisas do “ar”. Só não sou tão boa assim. (Boakye,2022)

Tomando para mim essa fala, comecei a desenhá-los a partir das fotos e, naturalmente, me veio a lembrança dos momentos em que estava lá, foi como se tudo se encaixasse. Percebi também a importância do estudo, da pesquisa e da prática. Quanto mais desenhasse, mais próximo de algo (que não havia descoberto

ainda) iria estar. Talvez o que queria era realmente aproximar-me deles? Ou tudo só fazia parte do processo?

Então, dei início aos esboços com grafite, pois estava um pouco insegura, era o material que mais me familiarizava e era o único que utilizava e/ou pensava quando o assunto era desenho.

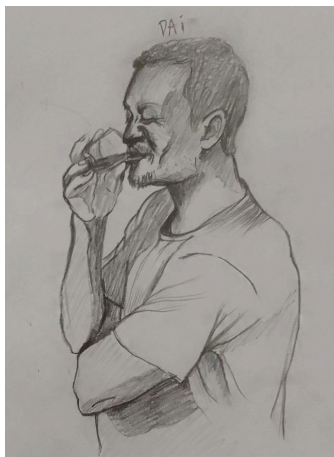


Figura 7- 1º esboço pai (grafite), 2023

Posteriormente à feitura de alguns desenhos em lápis, tornei-me mais segura e compreendi que estava na hora de explorar outros materiais e fazer uns desenhos mais livres, sem aquele medo de errar e também sem a borracha. Iria ser, de certa forma, um exercício de aprendizado e desapego.

Comecei usando caneta nankin (figura 8) e para mim foi um desastre. Os traços não davam certo, não podia apagar, tinha que pensar até três vezes antes de fazer um traço e isso me irritava muito. Senti que não estava totalmente no controle sobre meu desenho, que tinha que “aceitar” o que viria ou fazer um novo até ficar como eu queria.

No livro “Fly in League with the Night” de Lynette Yiadom cita que, quando pensamos através dos sentimentos, nossas pinturas e/ou desenhos são compostos assim, pois eles podem ser extensões do eu do artista. Mesmo Lynette fazendo personagens de seu imaginário, percebeu que nossos sentimentos podem ajudar ou atrapalhar no resultado de cada pintura, imagina quando é uma pessoa que existe e faz parte de sua família.

Foi então que observei que, além daquele desenho ser só um exercício, eu estava em busca do perfeccionismo indiretamente (que era o que estava tentando

evitar enquanto tirava as fotos). Assim me acalmei e continuei trabalhando nesse exercício, só que desta vez com canetinha marrom (figura 9).

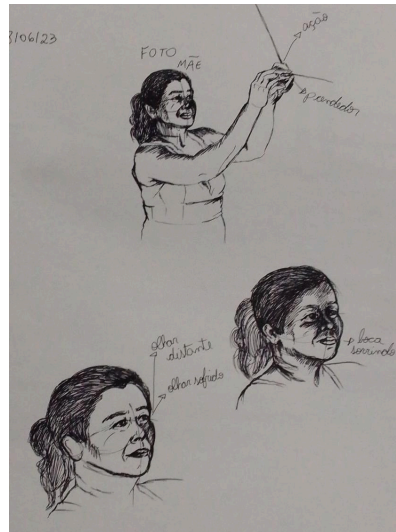


Figura 8- esboço mãe(nankin), 2023

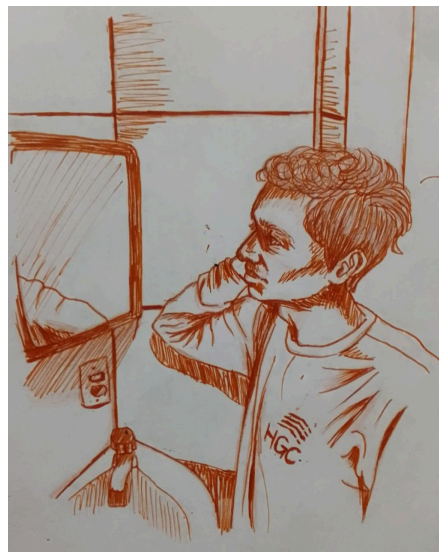


Figura 9- esboço marido(canetinha), 2023

Passando para a caneta marrom, estabeleci uma certa confiança novamente em meus desenhos, me deixei levar pelo gesto e deixei aberta minha mente para novas ideias e aprendizados. Gostei dos meus traços, da paciência que surgiu no processo, da evolução na técnica e da expressão do personagem. Foi aí que realmente tomei “gosto pela coisa”.

Como comecei a gostar deste exercício sem a borracha, achei válido continuar testando materiais. Assim, iniciou-se os desenhos em caneta esferográfica azul e preta. Foi o mesmo sentimento, só que ainda mais intenso. Tenho uma

ligação forte com essas cores e, mesmo nunca tendo desenhado com caneta, percebi que meu traço ficou mais potente, criando vida de alguma forma no papel. Enchia-me os olhos só de olhá-los. Conseqüentemente, acabei escolhendo este material para finalizar todos os estudos(esboços) que ainda faltavam.



Figura 10- esboço marido e sobrinha (caneta esferográfica), 2023



Figura 11- esboço pai e mãe (caneta esferográfica), 2023



Figura 12- esboço sobrinha
(caneta esferográfica), 2023



Figura 13- esboço sobrinha 2
(caneta esf.), 2023



Figura 14- esboço pai e sobrinha (caneta esf.), 2023



Figura 15- esboço família (caneta esf.), 2023

2.1.1- Modelo Vivo

Desde quando iniciei os desenhos de modelo vivo, senti uma grande dificuldade. Não conseguia fazer um desenho rápido e estava focada apenas nas posições (sem fazer os rostos como nas figuras 16,17,18 e 19). Estava voltada a fazer modelos vivos estáticos, sentados em uma cadeira (como em um estúdio), pois a ideia inicial era fazer apenas exercício deles e usar fotos como base para a pintura.

Entretanto, certa vez, enquanto fazia meu estágio, li um livro de Lynette Yiadom Boakye chamado *Fly in League with the Night* (Voe em Liga com a Noite), um livro que conta sobre suas pinturas de retrato no cotidiano, processos e poética. Neste livro li uma frase que mencionava: “Cada personagem parece oferecer e, ao mesmo tempo, esconder um segredo”(Boakye, 2020, p. 9), pois ela dispensava qualquer evidência de lugar e tempo específicos. Outra, enfatizava: “ Eles emanam uma mistura sutil de vulnerabilidade e força, dignidade e graça”(Boakye, 2020, p. 9). Ela queria capturar a evanescência de um estado de espírito, não os detalhes narrativos.

Observando essas duas frases que me chamaram a atenção, me dei conta que precisava dar mais vida aos meus desenhos e me deixar levar por suas características, não tentando ocultar nada.

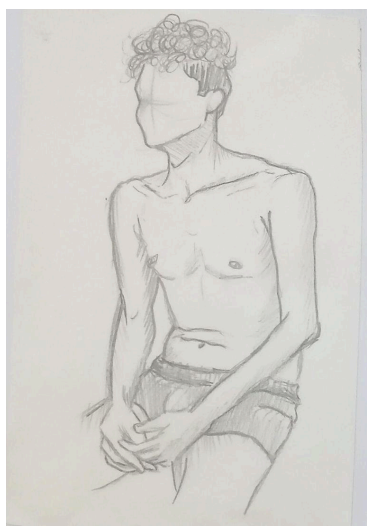


Figura 16- Modelo vivo(marido),2023

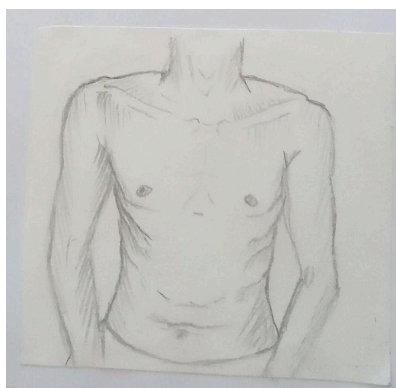


Figura 17- Modelo vivo 2 tronco (marido), 2023



Figura 18- Modelo vivo 3 (pai), 2023

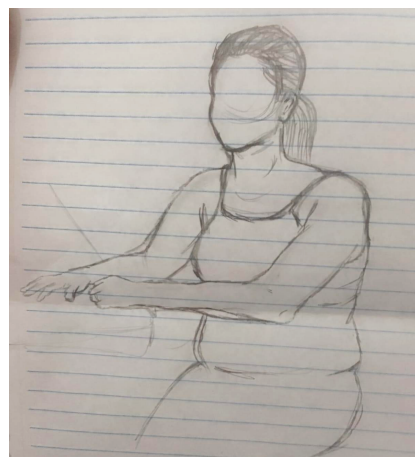


Figura 19- Modelo vivo 4(mãe), 2023

Começaram a surgir então dúvidas do tipo: como irei desenhar? Que estratégias usar? Que materiais usar? Foi então que, através do meu orientador Glayson conheci e me interessei pelo livro “Desenhando pessoas em Ação” de Lynne Chapman. Este livro é um guia prático feito para ajudar desenhistas a registrar gestos e cenas do meio urbano ou do cotidiano.

Já no início deste livro, enquanto folheava-o, me chamou a atenção uma fala de Chapman em que ela “celebra o ordinário” enquanto narra um de seus desenhos:

“É divertido simplesmente olhar para as pessoas com um bloco de rascunho à mão. Os momentos mais significantes e banais podem ser os mais ricos: a postura

levemente corcunda do fumante compulsivo que sorve mais um cigarrinho...” (Chapman, 2017, página 7).

Além da questão do cotidiano, Chapman comenta sobre a intimidade e as memórias que a prática de desenhar promovem. Em uma delas, ela conta de uma vez que desenhava uma menina pescando em frente a sua casa e seu irmão, após ver o desenho, a convidou para entrar. Após entrar, eles conversaram e cantaram enquanto a menina tocava um teclado de plástico e a vovó dava risadinhas, quase como em um filme.

Pensando nesses dois fatos, percebi a importância do exercício de modelo vivo e enfim comecei a pesquisa pela melhora do mesmo. Como este livro é voltado para artistas que querem se aventurar no desenho ao ar livre, pude pegar apenas algumas dicas de materiais mais práticos (como pincel com reservatório de água) e técnicas (sombreamento, hachuras, desenho de mãos entre outros).

Considerando que meu marido era o único que eu tinha mais acesso, por meus parentes morarem em outra cidade, usei ele para praticar o que havia aprendido neste livro. Iniciei utilizando aquarela e lápis de cor, desenhando e pintando direto na folha enquanto ele conversava com minha mãe (figura 20).

Enquanto desenhava me senti frustrada novamente por não estar no controle. Então, senti a necessidade de entender um pouco mais sobre modelos vivos. Assim, li o livro “Desenha-me: Manual da Modelo Vivo” de Mariana Pinto, onde ela (sendo modelo vivo e professora) conta um pouco de suas memórias e experiências.

Lembrei de um depoimento de uma aluna que vi no mesmo e que dizia:

Como desenhar uma modelo que anda e dança? Como desenhar o movimento? A modelo vivo, que se rebela e fica livre da posição estática, passa a exigir que o artista também se rebele e movimente seu processo e seu objeto de busca. (Thelma-Desenha-me, 2017, p. 61).

Comecei a refletir, juntar as peças e pensar “será que terei mesmo que me deslocar para obter o resultado que quero? A resposta seguinte (ao meu ver) foi sim e não. Sim, às vezes terei que desenhar em pé ou andando se quiser registrar

poses específicas ou me desafiar, mas as vezes posso me contentar também só com o que tenho, com aqueles poucos segundos em que a pessoa fica em uma determinada posição. Isso se aplica principalmente a minha sobrinha de 3 anos que é bastante hiperativa.

A questão que fica é: o que quero alcançar com este ou aquele modelo vivo?. Tudo dependia muito do cenário, de como eu (artista) e a pessoa (modelo vivo) estavam no momento. Percebi que tudo influenciava no resultado final. No livro “Desenha-me” contem falas de um professor e artista chamado Fernando, e essa em específico chamou-me a atenção:

“Não se desenha um leão da mesma maneira como se desenha uma maçã... Cada coisa requer um lugar e um tempo; uma aproximação ou um distanciamento... A diferença essencial dessa relação é que quem pinta tem diante de seus olhos alguém que também o observa e que se opõe a ele; um outro que o inibe; exigindo um novo modo de atenção.” (Fernando Augusto-Livro Desenha-me, 2017, p. 78).



Figura 20- Modelo vivo 5, 2023

Posteriormente a esta fala, compreendi que estava diante de algo vivo, como Fernando fala na página seguinte “está diante de alguém, e estabelece um contato com esse alguém, pautado pela técnica que pretende trabalhar”. É algo que parece

óbvio, mas quando se quer chegar logo ao resultado, ficamos “cegos” para algumas coisas que fazem parte do processo.

No próximo desenho (figura 21), ele estava em casa em frente ao espelho passando fio dental nos dentes. Lembrei-me que no livro de Lynne Chapman enfatizava que, se o desenhista estiver com uma certa dificuldade em fazer pessoas em movimento, era melhor iniciar desenhando-as o mais paradas possível(dormindo, em pé ou conversando com alguém). Vi ali então uma oportunidade de testar e assim o fiz. Finalizando o desenho pensei “não é que ela estava certa!”, o resultado não ficou exatamente como eu queria, mas o processo foi bem menos estressante.



Figura 21- modelo vivo 6, 2023

Depois de fazer este desenho, me senti mais confiante e continuei a explorar materiais novos. Um dos materiais que queria testar era o lápis arco-íris³², pois no livro Lynne dá a sugestão de usá-lo para desenhos a seco justamente por sua aleatoriedade de cores. Então fiz o sétimo desenho (figura 22) de modelo vivo com ele. Mesmo não sabendo usar e não tendo controle sobre o lápis, gostei do que o

³² **Lápis arco-íris:** lápis para colorir que contém 3 ou mais cores em uma mesma unidade(geralmente é jumbo).

desenho me sugeriu ao final. Gostei das linhas que começavam azuis e terminavam vermelhas, de toda a composição.

Finalizando essa jornada de processos e aprendizados, entendi que os “meus materiais” eram então a caneta nankin e o lápis arco-íris. Assim, atualmente mesclo os dois, fazendo o desenho de caneta, contornando e dando cor com o lápis colorido (como nas figuras 24 e 25).



Figura 22- modelo vivo 7, 2023



Figura 23- modelo vivo 8, 2023

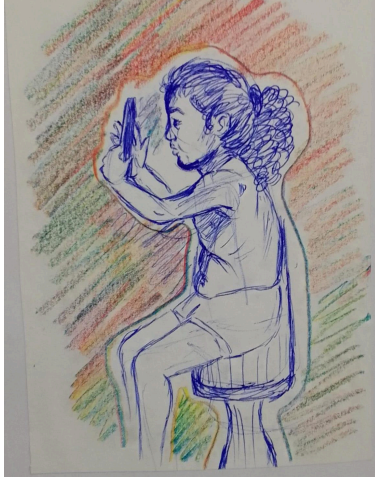


Figura 24- Modelo vivo 9, 2023



Figura 25- Modelo vivo 10, 2023

2.2- ESTUDOS DE COR

Essa parte do processo, consiste em analisar a foto e fazer um desenho com as prováveis cores que irão compor a pintura final. Esse estudo tem o objetivo de me auxiliar e perceber melhor a pintura.

Para este estudo utilizei como base o livro “Pérola Imperfeita” de Adriana Varejão e Lilia Moritz. Em Pérola imperfeita, Moritz percorre os caminhos de pesquisa e construção da obra de Adriana Varejão, tecendo um diálogo entre a releitura da história por parte da artista e as várias possibilidades narrativas enredadas nesse processo criativo.

No último capítulo em especial chamado *Terminar é colocar um ou muitos pontos finais*, Moritz narra desde o início o processo de uma pesquisa que Adriana fez, onde ela cria tintas (33 cores) de tons de pele com sua marca, e nomeia com base na lista de 126 termos PNAD³³, selecionando apenas termos exóticos (como “agalegada”) e variações do branco, preto e marrom. A partir desta seleção, fez uma série de seis autorretratos, onde pintou-a em tonalidades diferentes e colocou sua paleta junto da pintura (figura 26).

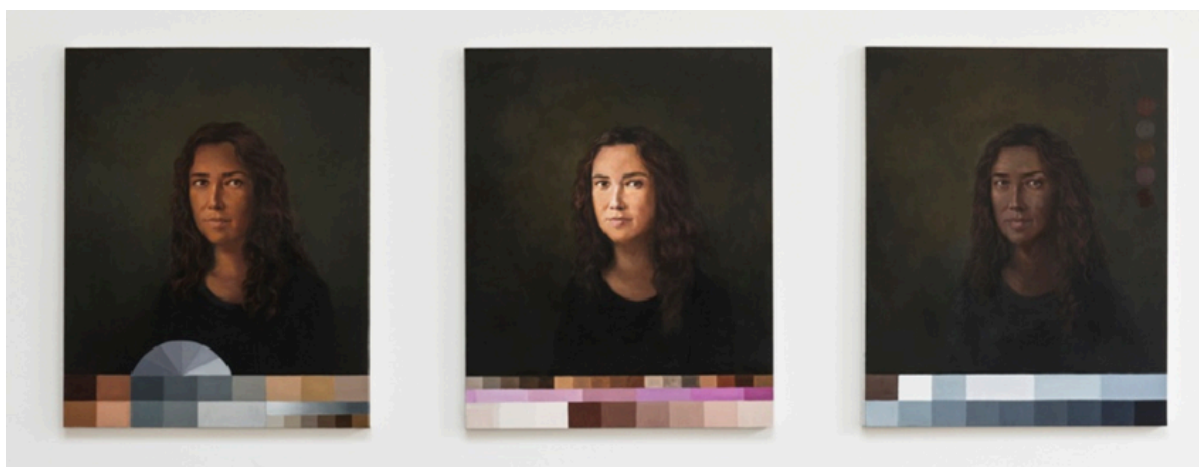


Figura 26: Pintura (série Polvo, Classic Series), óleo sobre tela, 2013

Para dar início a esta pesquisa, Adriana voltou a fábrica de tintas que todos antigamente em sua pequena cidade utilizavam, as tintas águia. Pesquisou sobre

³³ **PNAD**: Pesquisa nacional por amostra de domicílio. Tinha por finalidade mostrar a situação socioeconômica do país e outros aspectos, como tipos variados de tons de pele.

sua história, como estava atualmente e descobriu que o dono já era falecido e que suas filhas agora “regia” o negócio da família.

A partir destas descobertas, foi-lhe mostrado um livro que o dono da fábrica havia escrito sobre as cores e suas características subjetivas e objetivas. As cores e significados que me chamaram atenção foram: o branco (limpeza e normalidade), o verde (refrescante e calmo), o preto (deprimente e negação) e o cinza-claro (suave depressão e ausência). Não há neutralidade nessa leitura e considero que por isso me chamou a atenção. Mesmo não concordando com o verde ter o objetivo de refrescância, algumas vezes misturando ele a outras cores como o marrom ou azul no momento de minha pintura, percebo que minha obra torna-se mais “agradável” ao olhar ou a cena que estou pintando.

Nas obras de Adriana trata exatamente disto, não há neutralidade, posso sentir algo, principalmente pelas pinturas que possuem meu tom de pele. Vem todo um passado e reflexão sobre o que estou trazendo com minhas pinturas por estar pintando uma família negra e parda, é como uma poesia. No livro, Lilia cita uma fala de Orhan Pamuk, que retirou um verso da *Ars Poetica* de Horácio: “*Ut Pictura Poesis*” (como é a pintura, assim é a poesia).



Figura 27-1º estudo, 2023

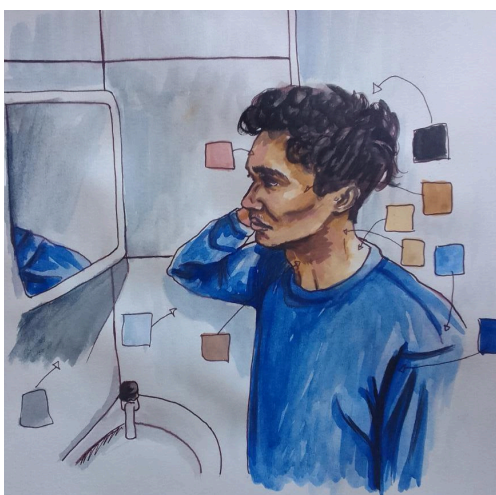


Figura 28-2º estudo, 2023



Figura 29- 3º estudo, 2023

A partir destes conhecimentos que tomei para mim, analisei com mais cuidado as cores que queria trabalhar, usando como base a fotografia e me deixando levar por minha intuição. Já que era uma pesquisa minha e não mais uma encomenda (como costumo trabalhar), tomei a liberdade de usar outras cores que me sentia à vontade sem prejudicar a harmonia da pintura (como nas figuras a seguir e na pintura 5).



Figura 30- 4º estudo, 2023



Figura 31- 5º estudo, 2023



Figura 32- 6º estudo, 2023



Figura 33- 7º estudo, 2023



Figura 34- 8º pintura, 2023

2.3- PINTURA

Após todo esse estudo, passo para a última etapa, as pinturas. Fiz uma série de oito pinturas: quatro com cada um sozinho e mais quatro com eles interagindo. As pinturas que têm eles sozinhos, procuro mostrá-los, apresentá-los e demonstrar suas individualidades. Já as que possuem mais de uma pessoa (geralmente duas) em uma tela só, demonstro meu olhar sobre elas enquanto estão socializando.

Iniciei a primeira pintura (figura 5) no final do mês de junho, assim que concluí os esboços e estudos. Junto dela, fiz uma paleta de cores (figura 35) para fazer uma espécie de “caminho” pela pintura, onde as primeiras cores são a base e as seguintes, são suas variações e as que mais aparecem no conjunto da obra.

Ao refletir acerca de minhas obras, saliento que não segui uma ordem certa para começar as pinturas, apenas comecei e fui sentindo qual seria a próxima. Algumas precisei fazer primeiro por ter um prazo, e outras fiz depois por ter algumas dificuldades, dificuldades essas que serão ditas ao longo do texto. Todavia, pela razão do processo motivar a pesquisa, observei que tudo surgiu naturalmente e espontaneamente.

Na pintura abaixo, utilizei mais de tons pastéis, por que ao meu ver, essa cena me trazia leveza e paz por ser um momento íntimo e belo entre os dois personagens, então quis refletir e representar isso principalmente através das cores.

Ao fundo utilizo de uma cor que também me transmite paz, o azul “cor de céu”. Isso devido às lembranças que tenho de minha infância de quando deitava na grama e observava o céu azul sem nuvens. Preferi fazer o fundo sem muitos detalhes, pois queria colocar as pessoas representadas em destaque, e isso se aplica a todas as pinturas seguintes.



Figura 35- Paleta de cores pintura 1, 2023

Já nesta primeira obra, adquiri bastante influência do livro da artista Lynette (Fly in League With The Night) e do artista Dalton Paula. No livro de Lynette enuncia que suas pinturas questionam e subvertem sutilmente o gênero retrato, ela procura mostrar o ser humano em seu “habitat natural” (fumando, comendo, conversando), ou seja, em cenas típicas do cotidiano. Mesmo sendo pessoas de seu imaginário, obtive a sensação de que seus personagens tinham alma. É algo muito expressivo, várias camadas, variação de cor e olhares que chamam.

Já Dalton Paula, peguei como referência não sua pintura em si, mas o exercício de paleta de cor. Dalton faz pequenos quadrados de tinta a óleo em um papel pardo para testar diferentes tons de azul e verde. Esses tons ficam ao fundo de seus retratos como uma fotopintura³⁴, e os diferentes tons de azul são para que eles não se repitam.

Diferente de Dalton, como dito anteriormente, faço minha paleta de cor (não antes, mas durante a pintura) com o objetivo de que eu possa ter um registro do caminho feito durante o processo.

Ao refletir acerca do contexto e paleta de cor, me dei conta que minhas obras estavam sem títulos. Mesmo sendo uma série, cada pintura possui suas individualidades, e como meu tema central é retrato do cotidiano e minha relação com minha família, pensei em títulos que se encaixavam como tal.

As pinturas 1, 2 e 5 (figuras 5, 3 e 2 respectivamente) relatei ao cotidiano deles, colocando hora no início dos títulos (“Hora da Historinha”, “21 Horas: Trabalhar” e “Hora do Café”). Já nos títulos das pinturas 3, 4 e 6 (figuras 1, 4 e 6 respectivamente), batizei de acordo com minha relação, vivências, percepções e memórias que tive com eles ao longo de todo o processo (“Tradição de mãe”, “Voltando a ser avô” e “Família Reunida”).

³⁴ **Fotopintura:** representa um híbrido de retrato, fotografia e pintura. Geralmente pintava-se o fundo de azul ou verde-azulado.

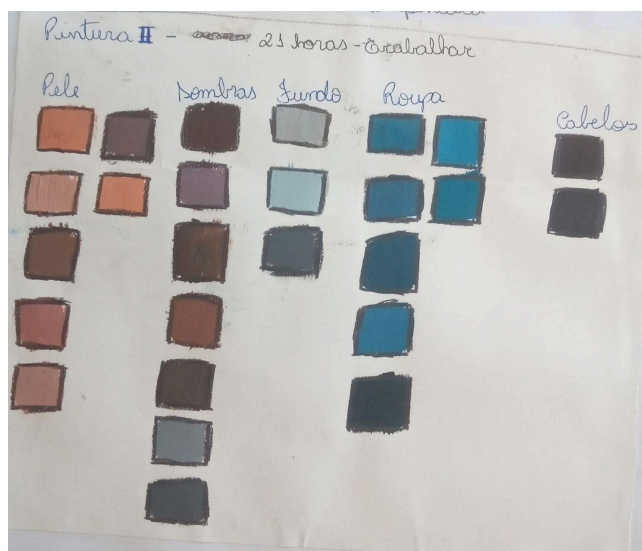


Figura 36- Paleta de cor pintura 2, 2023



Figura 37- Paleta de cor da pintura 3, 2023

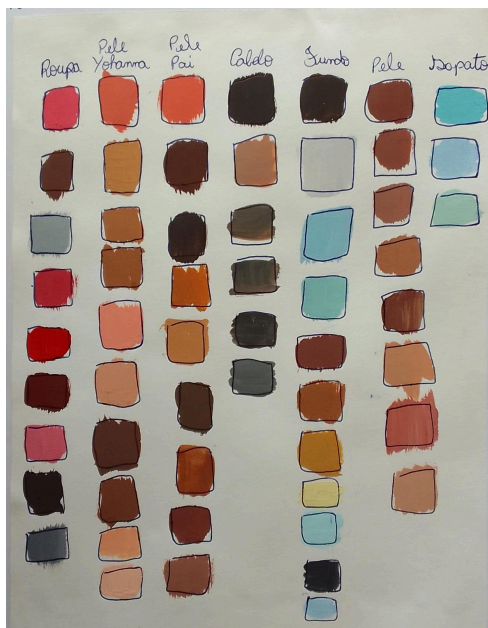


Figura 38: Paleta de cor da pintura 4, 2023



Figura 39: Paleta de cor da pintura 5, 2023



Figura 40: Paleta de cor da pintura 6, em andamento.

Após a realização dessas três primeiras pinturas, tive a oportunidade de viajar para São Paulo, através de um convite feito pelo artista Dalton Paula. Nesta viagem, além de acompanhar a exposição que ocorreu na feira de arte (SP Arte) dos artistas do Sertão Negro³⁵, pude também conhecer outros pintores

Tendo em conta que ainda estava no início de minha pesquisa e que procurava referenciais artísticos, foquei-me em obras que fossem voltadas para o cotidiano ou vivências do artista. Alguns destes incluem Antônio Dias, Leonora Weissmann, Nina Horikawa, Panmela Castro e Sergio Vidal.

Dentre esses artistas, Antônio Dias e Panmela Castro foram de grande ajuda para pensar meu processo artístico e de escrita. Antônio faz pinturas relacionadas a sua vivência na periferia de Belém-PA, onde retrata trabalhadores, jovens negros e a violência policial, evidenciando o povo amazônico que estão à margem da sociedade e seus cotidianos (como nas figuras 38 e 39).

A “figura 42” foi uma das que presenciei na exposição e logo que conheci o artista, fiz alusão a vida do meu marido no interior do Pará, onde ele também tinha o costume de pegar açaí no pé, quando visitava a capital percebia alguns vendedores ambulantes nos ônibus, dentre outras coisas.

Esses fatos fizeram-me interessar mais pelo artista e por suas pinturas, pois mesmo não sendo minhas vivências, eram as de alguém muito próximo a mim. Isso fez com que me lembrasse da grande diversidade que tinha em minha relação com

³⁵ **Sertão Negro:** Ateliê e Escola de Artes do Artista Dalton Paula, a qual fiz estágio.

meu marido, verdade esta que conto melhor no subcapítulo “Cotidiano e Diversidade Cultural”.

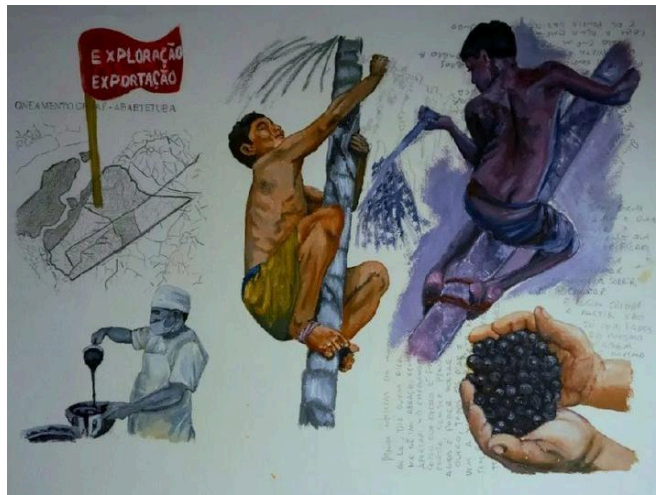


Figura 41- Da série “Realidades e a Violência Normalizada, sem título, óleo e grafite sobre papel 36x48cm, 2022.



Figura 42- Da série “Eu sou a Plebe”, Eu sou a Gentalha, óleo sobre tela 40x50cm, 2023

Já Panmela, atentei-me mais à sua pintura e ao gênero retrato do que ao tema em si, já que (em sua maioria) ela busca retratar modelos vivos de mulheres que sofreram violência doméstica, alguns de seus amantes e artistas que admira. O que me chamou atenção em suas pinturas, além das manchas, da tinta escorrida e a tela feita de linho, foi o nível de intimidade que ela se propunha a ter com suas modelos.

A pintura abaixo, que vi pessoalmente na galeria do Sesc Belenzinho, faz parte da série “Artistas no ateliê” de 2022. Fiquei admirada com a expressão de leveza da artista que foi pintada por Panmela. Senti como se ela estivesse à vontade naquele momento. Então pensei comigo: “Isso é uma das coisas que quero com minhas pinturas. Poder olhá-las e sentir essa calma tão nostálgica e contagiante ao mesmo tempo”.



Figura 43- Da série “Artistas no ateliê”, óleo sobre tela, 2023

A partir deste pensamento, analisei novamente minhas “opções” de fotografias que possuía dentre tantas, e achei uma de meu pai com minha sobrinha (figura 38). Como dito no capítulo “O Provedor e Doutrinador”, essa pintura tem uma relação muito forte entre meu pai e minha sobrinha, assim como um significado muito forte para mim.

A partir dali, percebi que aquela era a hora de me “deixar levar” pela pintura sem pensar muito em resultados. Como disse Lynette no vídeo *Questions for Lynette* “É um processo muito tátil”. Desta vez queria apenas sentir, apenas pintar.

Pensando nisso, sinto que todas essas referências (tanto teóricas quanto práticas) irão influenciar no resultado da pintura 6 que está em andamento, não penso em como finalizar mas creio que saberei quando ela estiver pronta. Pois, após tantos aprendizados, estou mais confiante e menos exigente em relação a minha pintura.

2.4- Caderno de Registros

Esta parte do processo acompanhou, na verdade, todas as outras. Assim como a paleta de cores, este caderno também terá um intuito de “caminhar” pela pesquisa. Não só caminhar, mas registrar e mostrar possíveis evoluções.

Além de ser um caderno de registros, ele tornou-se um “caderno de memórias”, pois conto como acontece as fotos, em que situação estava acontecendo, entre outras coisas.

Inicialmente, pensei neste caderno como uma forma de trazer o espectador para próximo da pesquisa e das pessoas que estavam sendo retratadas, porém ao final da pesquisa, este tornou-se algo isolado da pesquisa e não consegui expô-lo junto das obras. Mesmo não conseguindo realizar o que almejava, senti que ele ainda se fazia parte importante desta pesquisa, então decidi incluí-lo.



Figura 44: caderno de registros, pág 1, 2023

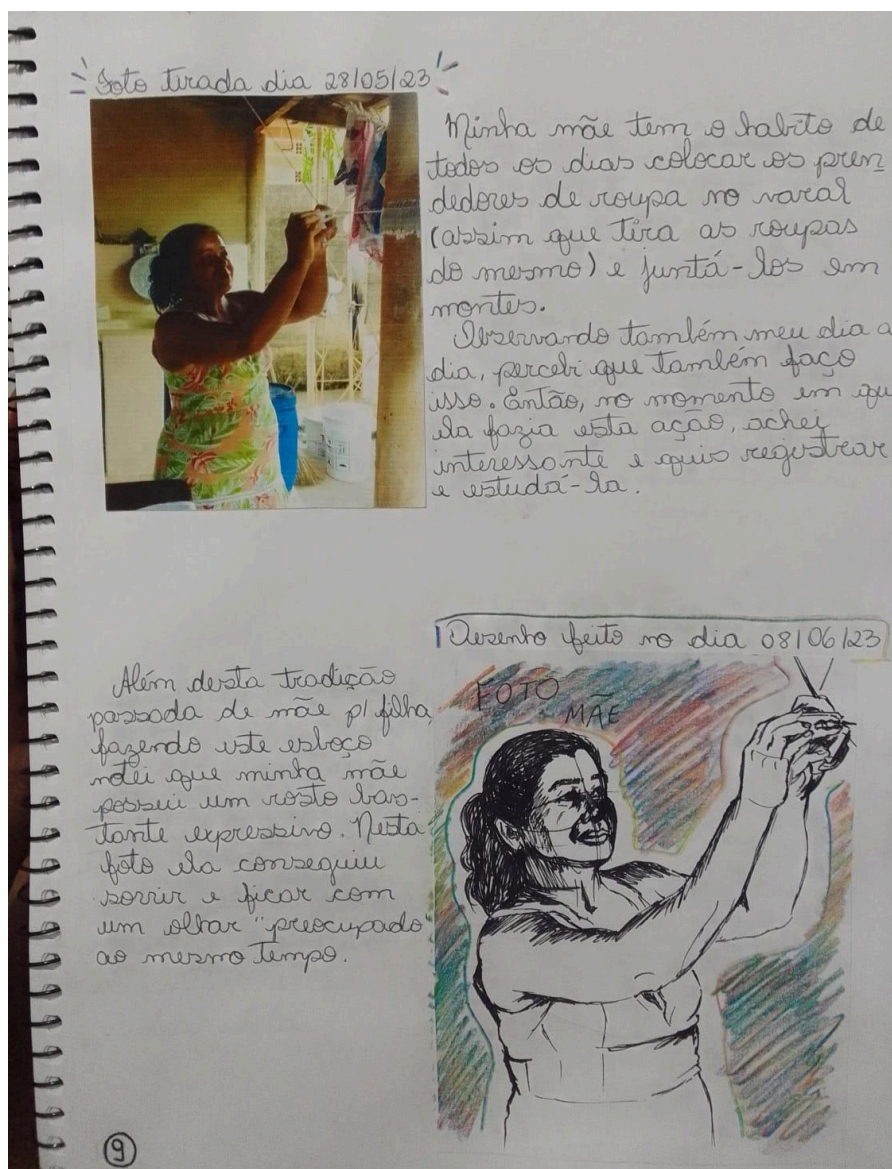


Figura 45: caderno de registros, pág 9, 2023

3- ME VENDENDO NAS PINTURAS

Levando em consideração todos os aspectos citados acima, cheguei à conclusão de que a beleza da vida e as relações diferentes entre meus familiares, são os fatos que mais observei em minha pesquisa. E que, através destes, pude perceber-me nas pinturas e criar uma nova relação.

Segundo o psiquiatra, cientista, pesquisador e escritor Augusto Cury, já no início de seu livro *Dez Leis para ser Feliz*, ele cita a “1ª lei da felicidade”, onde comenta sobre a contemplação do belo:

Contemplar o belo é fazer das pequenas coisas um espetáculo aos nossos olhos. É dialogar com os amigos, elogiar as pessoas, amar os desafios da vida. É admirar as crianças, ouvir as histórias dos idosos. É descobrir as coisas lindas e ocultas que nos rodeiam...(Cury, 2011, p. 33).

Analisando a fala acima, constatei que em minhas pinturas e escrita fiz muito isso. Apenas “contemplar o belo”. Não a beleza das cores e formas, mas a beleza do momento registrado. Das fotografias “mal tiradas”, dos olhares distraídos e das memórias que ali ficariam. Ao meu ver, enfatizei esta beleza para mostrar um novo olhar do cotidiano. Mesmo existindo desafios em toda minha pesquisa, preferi mostrar as partes boas, já que para muitos, o dia a dia tornou-se algo massante, chato e cansativo.

Como citado anteriormente, também observei que possuía diferentes relações entre meus familiares e eu. Obviamente minha relação com meus pais não seria a mesma do meu marido, porém estou especificando à como ela tornou-se durante e após esta pesquisa.

O vínculo com meus pais mudou a partir do momento em que me casei e saí de casa. Sempre que podia estava lá, porém não era mais a filha que morava com eles, era a filha casada que os estava visitando. Esta questão tornou-se mais forte quando me mudei para Goiânia para estudar e trabalhar, pois, devido à distância de mais de 45 km, não podia sempre estar ali. Logo, a pesquisa serviu como pretexto

(indireto) para me aproximar deles, criar mais intimidade, pois não era este meu objetivo, mas fez parte do processo.

De modo geral, minha relação com todos melhorou na questão da intimidade. Com esta pesquisa, pude conhecer e perceber questões que não refletia antes. Pude percebê-los, realmente conhecê-los. Uma vez que, passando tantos anos com eles, pensava que os conhecia.

Enfim, me vi nessas pinturas. Um assunto que para mim, é um pouco delicado, pois por algum motivo que não consegui descobrir, não gostava de me auto retratar. Por este motivo, comecei a focar-me nas histórias e cotidianos deles. Talvez aí estava o meu erro, pois ao ressaltar isto, conheci o passado deles e manias que eu também possuía, e quanto mais me aprofundava mais elas apareciam.

Ao meu ver, o “eu artista” estaria apenas no gesto de pintar, de realmente ser o artista, porém, quando trata-se da minha família, me vejo em cada detalhe dos tons do rosto de minha mãe, no olhar e sorriso de meu pai, no companheirismo e afeto de meu marido e na inocência e despreocupação de ser criança que minha sobrinha tem (e que um dia já tive).

Que bom que me percebi, pois algo que antes não gostava, agora penso até em continuar (talvez) numa outra pesquisa. Finalmente me vi, me enxerguei. Após tantos processos, dificuldades, estudos e aprendizados eu sempre estava ali, como que batendo na porta incansavelmente. Obrigada por tudo “eu mesma”.

4- REFERÊNCIAS

BOAKYE, Lynette Yiadom. **Fly In League With The Night**. 1. ed. Londres: D.A.P, 2020.

CHAPMAN, Lynne. **Desenhando Pessoas em Ação: Guia Prático para registrar gestos e cenas em urban sketching**. 1. ed. Barcelona: GG, 2017.

CURY, Augusto. **Dez Leis para ser Feliz: Ferramentas para se Apaixonar pela Vida**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Sextante, 2011.

DIAS, Antônio. **[sem título]**. 2022. 1 fotografia. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Crb24iHrD3M/?igsh=dXFmNDVwdTg1dnh3>. Acesso em: 10 jan. 2023.

FERREIRA DE ALMEIDA, João. **Bíblia Sagrada** (A.T e N.T.). 2. ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2015.

PINTO, Mariana. **Desenha-me: Manual da Modelo Vivo-Memórias**. 1. ed. São Paulo: Gráfica Paulos, 2017.

QUESTIONS FOR LYNETTE, 2022. 1 vídeo(6 min14s). Publicado pelo canal Tate. Disponível em: <https://youtu.be/OYjmunYpPXA>. Acesso em: 6 jun. 2023.

VAREJÃO, Adriana. **Pérola Imperfeita: A História e as Histórias na Obra de Adriana Varejão/ Lilia Schwarcz**. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2014.

VAREJÃO, Adriana. **Série Polvo**. 2013. 1 fotografia. Disponível em: https://www.researchgate.net/figure/Adriana-Varejao-Pintura-serie-Polvo-Polvo-Portraits-I-Classic-Series-2013-oleo_fig3_369610048. Acesso em: 23 dez. 2023.

Anexos

Universidade Federal de Goiás
Faculdade de Artes Visuais- Bacharelado

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE -
Pais/Responsáveis**

Você na qualidade de responsável por, está sendo convidado (a) a consentir que o(a) menor participe, como voluntário (a), da pesquisa intitulada Pintura Cotidiana: Retratos de Uma Relação Familiar. Meu nome é Elida Ketlyn Pereira da Silva sou o(a) pesquisador (a) responsável pelo projeto, e minha área de atuação é Artes Visuais. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você consentir na participação de Yohanna Pereira Gonçalves Santos sob sua responsabilidade neste estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra ficará comigo. Esclareço que em caso de recusa na participação, não haverá penalização para nenhuma das partes. Mas se houver o aceite, as dúvidas sobre a pesquisa poderão ser esclarecidas pela pesquisadora responsável, via e-mail elidaketlyn@discente.ufg.br ou através de contato telefônico para o número (62) 996982152, inclusive com possibilidade de ligação a cobrar. Ao persistirem as dúvidas sobre os direitos como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Goiás (CEP/UFG) pelo telefone (62)3521-1215, de segunda a sexta-feira, no período matutino. **O CEP-UFG é uma entidade independente, de caráter consultivo, educativo e deliberativo, no âmbito de suas atribuições, criado para proteger o bem-estar dos/das participantes de pesquisa, em sua integridade e dignidade, visando contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos vigentes.**

A presente pesquisa tem como objetivo geral de retratar a relação entre artista e seus familiares. A participação do menor sob a sua responsabilidade é importante para a realização desta pesquisa que tem o título Pintura Cotidiana: Retratos de Uma Relação Familiar. Caso o menor se sinta constrangido(a), é garantida a total liberdade de recusar a participar ou retirar seu consentimento a qualquer momento, sem penalidade alguma.

A participação na pesquisa será voluntária, portanto, não haverá despesas pessoais ou gratificação financeira decorrente da participação, caso haja despesas, elas serão ressarcidas.

Caso ocorra algum dano o direito a pleitear indenização para reparação imediata ou futuro, decorrentes da cooperação com a pesquisa está garantido em Lei.

O sigilo e anonimato da sua autorização e da participação da criança (ou adolescente) na pesquisa será preservada.

A divulgação do nome dele(a) somente acontecerá se for permitida por você, solicito que rubrique no parêntese abaixo a opção de sua preferência:

UFG- Av, Esperança, s/n-Campus Samambaia, Goiânia-Go, 74690-900 (62) 3521-1159